

A Casa de Saúde S. João de Deus (Funchal, 1960-2018) – Contributos para a sua História

Health House S. João de Deus (Funchal, 1960-2018) – Contributions to its History

*Aires Gameiro*¹

Resumo

Este artigo constitui uma síntese da história da Casa de Saúde S. João de Deus de 1960 a 2018. Começa por resumir os antecedentes com notas sobre economia, ciclos da cana-de-açúcar e da vinha, fatores de alcoolismo, a primeira referência aos alienados, o papel do Hospital da Misericórdia do Funchal, a reação de Miguel Bombarda, a curta existência do Manicómio Câmara Pestana (1906-1925). Refere as várias tentativas de associar os Irmãos de S. João de Deus à assistência dos doentes mentais na Madeira e seus protagonistas, e, finalmente, a fundação e inauguração (1922 e 1924). Descreve a seguir a evolução de 1924 a 1960: edifícios, aumento de doentes, tratamentos e ocupações ergoterápicas e recursos humanos.

Põe em evidência o número crescente de doentes internados e as instalações. A partir de 1980 aponta as correntes e tendências de desinstitucionalização, psiquiatria social e comunitária, novos psicofármacos, porta giratória, tratamento específico de alcoólicos para explicar a redução progressiva de doentes internados. A construção e renovação de edifícios para alcoólicos, doentes agudos, atividades culturais e ocupacionais (póidesportivo, lavandaria/rouparia, oficinas ergoterápicas e unidades de reabilitação

¹ Irmão de S. João de Deus e Sacerdote, licenciado em Teologia e em Psicologia e doutorado em Teologia Pastoral da Saúde. Foi diretor da revista *Hospitalidade*, psicólogo na Casa de Saúde do Telhal, 1972-1998, diretor das Casas de Saúde de S. Miguel, 1998-2001, e da de S. João de Deus, Funchal, 2001-2004. É Membro Honorário da Academia Portuguesa da História e sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa (Secção de Medicina). Autor de mais de duas centenas de artigos científicos e quatro dezenas de livros, nomeadamente: *Emigrantes* (1984); *Manual de Saúde Mental* (1989); *Alcoolismo nos Açores e na Madeira. Padrões de Consumo em 1999 e 2000. Linhas de Prevenção* (2000); *História da Casa de Saúde S. João de Deus na Madeira* (vol. I, 2014); *Caldos Culturais de Lusofonia e Evangelização: Ensaios e Relatos de viagens Além-mar* (2015); *Transmigrações e cenários de lusofonia e cultura cristã na Europa. Em mais de uma centena de relatos de viagens por 25 países, 1956-2016* (2018). Contacto: aires.gameiro@isjd.pt.

psicossocial), a partir de 1979, serão tratados em pormenor. Descreve a evolução do quadro técnico e doutros recursos humanos, internamentos compulsivos de doentes por tribunais, criação de unidades de reabilitação, requalificação de edifícios e supressão de barreiras arquitetónicas. Descreve a passagem da Casa de cinco para 12 unidades e valências, os processos de qualificação e creditação, funcionamento da Escola de Hospitalidade e parcerias oficiais e privadas. Serão referenciadas numerosas ações de formação técnica, congressos, encontros e convenções organizados pela Casa de Saúde e pelo Instituto S. João de Deus, assim como os atos culturais para celebrar os 90 anos da história da Casa de Saúde e publicações. Será feita referência aos recursos humanos técnicos até 2018, valências, estatística de doentes e parcerias mais recentes. Terminará com algumas perspetivas assistenciais a médio prazo e referências bibliográficas essenciais.

Palavras-chave: Casa de Saúde S. João de Deus; Funchal – Madeira; Saúde Mental e Psiquiatria; Alienados; Alcoolismo; História dos Serviços de Saúde Mental; Psiquiatras Madeirenses; História da Madeira.

Abstract

This article is a synthesis of the history of the Casa de Saúde (Health House) S. João de Deus, Funchal, from 1960 to 2018. It begins by summarizing the backgrounds: it gives notes on the economy, the sugarcane and wine cycles, as alcoholism factors, tourism and migration. It recalls the first reference to alienated people, the role of the Misericórdia Hospital in Funchal, the reaction of Miguel Bombarda and the short existence of the Manicómio Câmara Pestana (1906-1925). It refers to various attempts to associate the Brothers of St. John of God with the care of the mentally ill in Madeira and its protagonists, and finally the foundation and inauguration (1922 and 1924) and evolution from 1924 to 1960: buildings, patient increase, therapeutical means, occupational therapies and human resources.

It highlights the growing number of inpatients and facilities. It points out the trends in deinstitutionalization, social and community psychiatry, new psychopharmaceuticals, revolving door, specific treatment of alcoholics to explain the progressive reduction of hospitalized patients. The construction and renovation of buildings for alcoholics, acute patients, cultural and occupational activities (sports center, laundry / clothes shop, workshops and psychosocial rehabilitation units). It describes the evolution of the technical staff and other human resources, compulsory hospitalization of patients by the courts, creation of rehabilitation units, re-qualification of some buildings and suppression of architectural barriers. And as the Health House went from five treatment units and valences to 12 in parallel with processes of quality and accreditation, functioning of the School of Hospitality and official and private partnerships. Numerous technical training actions, congresses, meetings and conventions organized by the Casa de Saúde and the Instituto S. João de Deus, as well as the cultural acts to celebrate the 90th anniversary of the Casa de Saúde and publications, will be referenced. The technical human resources until 2018, recent valences and statistics of patients and partnerships will be referred to. It will end with some medium-term care perspectives and essential bibliographical references.

Keywords: Casa de Saúde (Health House) S. João de Deus; Funchal – Madeira; Mental Health and Psychiatry; Alienated People; Alcoholism; History of Mental Health Services; Madeiran Psychiatrists; History of Madeira.

I Parte

Contexto e Precedentes

A história desta instituição de psiquiatria quase centenária articula-se com variados contextos sociopolíticos e científicos. Em primeiro lugar o dos descobrimentos e do ponto obrigatório donde o Infante D. Henrique desenvolveu os seus empreendimentos. O ciclo da cana-de-açúcar que iria fazer irradiar economicamente a Madeira para o exterior ao passo que para dentro iria trazer problemas de saúde mental ligados ao consumo de um dos seus produtos, a aguardente. A estes associou-se com igual peso económico a cultura da vinha e do vinho também com problemas do seu consumo e de situações de carestia por escassez de cereais. Nos tempos mais recentes, nos séculos XIX e XX, desenvolveu-se um outro contexto que não tem cessado de crescer até hoje, o do turismo, igualmente, fonte de divisas para a região. Paralelamente a emigração, com mais população madeirense fora que dentro, constitui outro contexto dominante; quase todos os habitantes têm parentes entre os “embarcados” e não poucos têm de receber de volta os seus doentes, entre os quais, os afetados de doenças e perturbações mentais. Este facto terá concorrido, também, para o aumento de camas de psiquiatria ao longo da história da Casa.

Na história da assistência aos alienados da Madeira até ao século XIX só é conhecida uma referência a um tronco para os amarrar do século XV. O vazio total de assistência a alienados até 1844 teve uma resposta insatisfatória no Hospital da Misericórdia que nessa data dispôs de três quartos de segurança semelhantes aos calaboiços da polícia. Estas respostas precárias mantiveram-se até aos anos 20 do século XX. No final do século XIX o contexto da situação dos alienados no Hospital da Misericórdia foi abalado por uma visita de Miguel Bombarda àqueles três quartos de contenção, aos quais fez uma crítica impiedosa em 1898 ao regressar de S. Miguel onde se tinha deslocado a pedido da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada para apoiar o planeamento do manicómio dos Açores:

«Funchal, 22 de agosto de 1898.

[...] «Hoje, que acabo de visitar o hospital da Misericórdia no Funchal, sinto o meu coração estrangulado numa dor imensa, porque nada de mais doloroso se pode imaginar. Em três quartos infectos, sem mais ar nem mais luz do que as que rompem pela única janela gradeada, numa atmosfera de mefitismo de arrancar náuseas, três desgraçados andrajosos, imundos, de aspeto repelente, vivendo em condições de abjeção que nem feras nas ménagéries das cidades civilizadas. Um deles, sem camisa, quase não podia andar, que os pés tinham-se-lhe inchado pela prolongada imobilidade; era talvez um idiota, ao parecer tranquilo que vagabundeando pelos campos fora por certo mais feliz. O segundo

vivia naquela infeção há mais de 10 anos; a sua aparência era igualmente tranquila e apenas ali o tinham, porque, sempre que o faziam sair do asqueroso covil, tentava fugir! Não! Eu não havia de tentar fugir! O último, enfim, um furioso que já escavacara parte da horrível prisão, o terceiro não menos andrajoso que os outros, vivia a sua vida, ali, naquela célula penitenciária, com este último suplício – as ALGEMAS! E através das grades estendia as mãos acorrentadas, na sofreguidão de um cigarro para depois apagar no gesto de infunda doçura o desgraçado idiota seu companheiro a quem por momentos se acabava de libertar...»²

À sua crítica nos jornais da época, o Provedor respondeu que esses quartos eram apenas a duplicação dos calaboiços da Polícia onde os alienados esperavam até terem barco, o que raramente acontecia (talvez por medo das tripulações, acrescentamos nós), para serem transferidos para o hospital de que ele, Miguel Bombarda, era diretor, isto é, Rilhafoles.

A Casa de Saúde S. João de Deus começou a ser pensada e planeada em clima hostil à monarquia e por entre meandros republicanos revolucionários de cariz maçónico, entre 1903 e 1922, por iniciativa do bispo D. Manuel Agostinho Barreto e da dona da Quinta do Trapiche. Não foi possível, diz Manuel Maria Gonçalves, por a maçonaria se opor para não favorecer o jesuitismo³. O seu início foi adiado várias vezes.

Inauguração e Síntese Histórica

A Casa foi inaugurada em 10.08.1924, na mesma quinta tomada de renda à diocese em 1922 e mais tarde comprada; e começou a funcionar com acordo de parceria com a Junta Geral do Distrito do Funchal e as estruturas locais de saúde.

Vivia-se o contexto de correntes de degenerescência da alienação mental em que se procurava fazer face às consequências da doença mental com internamento por faltarem: os meios de tratamento e de cura; e as alternativas sociais. A Casa de Saúde cedo se tornou resposta à alienação, à pobreza e aos problemas seculares de alcoolização da Ilha, os quais sempre concorreram com o maior número de entradas. A Casa em 1929 enfrentou as dificuldades da crise económica quando estava a iniciar os projetos de novas construções. Dez anos depois passou por carências da II Guerra Mundial, agravadas por falta de muitos recursos e por constrangimentos de racionamento de géneros alimentícios e materiais. Como instituição privada de assistência, com acordos de diárias com os poderes locais, era obrigada a negociações frequentes para atualizar

² Carta com data de 22 de agosto de 1898, de Miguel Bombarda, in *Portugal, Madeira e Açores. Folha Noticiosa*, 12 de setembro 1898, n.º 666, Lisboa, pp. 1-2.

³ *Hospitalidade*, 1962, n.º 107, p. 27.

as diárias, equilibrar as contas e fazer face ao aumento contínuo dos doentes com novas construções. Apesar de tudo os relacionamentos com as autoridades locais foram sempre satisfatórios para ambas as partes, sem situações de rotura.

O contexto de vizinhança e de inúmeros benfeitores e amigos suavizou as situações de maiores carências, principalmente nos primeiros vinte anos. A Casa de Saúde e os seus Irmãos enfermeiros tornaram-se, por sua vez, um recurso notável de cuidados de saúde acessíveis à vizinhança, nesses anos e nas décadas seguintes. Os meios modernos, eletrochoque, insulina e psicofármacos alteraram o contexto interior da casa e diversificaram os tratamentos. Sob pressão das correntes de desinstitucionalização, permitiram reduzir o número de doentes na Casa que por 1980 tinha atingido o máximo da sua história. Começou a ter um programa autónomo para reabilitação dos alcoólicos com morbilidades psiquiátricas reduzidas. Em contexto do 25 de Abril a Casa escapou à onda de ocupações de instituições da Igreja na Madeira. Foi neste período, em 1979, que instalou um centro especializado de tratamentos de doentes alcoólicos por onde já passaram mais de 10.000 doentes. No dobrar do século XX para XXI tornou-se centro de internamento compulsivo por via forense. Nos anos 2008-2015 a crise mundial afetou o equilíbrio financeiro obrigando a contrair empréstimos até à regularização dos créditos atualmente em fase de solução. A Casa tem mantido desde o início um clima de vizinhança de proximidade favorável devido aos laços criados devido também ao número de Irmãos madeirenses e ao facto de durante mais de dez anos a igreja da Casa, entre 1960 e 1970, ter servido de igreja paroquial e continuar sempre acessível à vizinhança.

Desenvolvimentos até 1960

A fundação desta Casa de Saúde S. João de Deus só foi bem-sucedida à quarta tentativa, em 1924. Após a experiência insatisfatória do Hospital da Misericórdia, em 1844, e a visita polémica de Miguel Bombarda, em 1898, houve uma tentativa de criação de uma Casa de Saúde particular da Igreja, anterior à existência do Manicómio Câmara Pestana. Este manicómio terá tido uma fundação de antecipação, em 1906, por um grupo de filantropos para obstar ao desejo do bispo da vinda dos Irmãos de S. João de Deus para o Funchal. Este manicómio veio a funcionar apenas durante 19 anos, e em condições muito precárias, insatisfatórias e geradoras de polémicas.

Diligências da segunda tentativa, em 1908, a pedido de D. Manuel Agostinho Barreto que estava a enviar sacerdotes doentes e outros alienados para o Telhal, levou ao Funchal os Irmãos Cosme Millan, superior do Telhal, e o P.^o Augusto Carreto, mestre de noviços, mas não resultaram por a benfeitora, que ofereceria a sua quinta aos

Irmãos, ter voltado atrás com a sua palavra. O Presidente da Junta Geral do Funchal, Vasco Gonçalves Marques, ao observar o mau funcionamento do Manicómio Câmara Pestana, fez uma terceira diligência em 1920 para entregar a sua gestão aos Irmãos de S. João de Deus. A certeza de que a sua diligência iria resultar, levou Vasco Gonçalves Marques a mandar vir do Telhal ao Funchal os Irmãos Elias Pereira de Almeida e Manuel Maria Gonçalves para iniciar o processo de transferência. Teve, porém, a decepção amarga de não conseguir devido ao facto de numa reunião tumultuosa da Junta Geral, em 28 de maio de 1920, a fação maçónica se ter oposto tenazmente a essa proposta⁴.

Em alternativa D. António Manuel Pereira Ribeiro passou à quarta tentativa pedindo aos Irmãos que viessem fundar a sua própria Casa de Saúde na Quinta do Trapiche, nessa altura já entregue pela proprietária à diocese. Foi desta vez que, de facto, a Casa foi fundada pelo Irmão Manuel Maria Gonçalves a 7 de fevereiro de 1922 com a colaboração de João Francisco de Almada, diretor clínico do Manicómio Câmara Pestana. A Quinta do Trapiche foi arrendada no dia 26 e a Comunidade dos Irmãos instalou-se nela a 11 de agosto de 1922, sendo instituída canonicamente pela Santa Sé a 10 de outubro de 1922.

Os Irmãos enfrentaram grandes dificuldades económicas para adaptar a quinta, situada na cota dos 500 metros, a receber doentes, mas conseguiram com muito esforço e com muita generosidade dos madeirenses, que ajudavam mediante romagens impressionantes de donativos, ofertas de materiais e seu transporte, doações de nascentes de água e outros apoios. Basta dizer que não havia qualquer estrada ou caminho para transporte de materiais, obrigando, nos primeiros tempos, a transportar tudo às costas e até alguns doentes transferidos do manicómio. Os vizinhos ofereciam géneros, materiais e serviços; e transportavam-nos; e facilitaram, algum tempo depois, a abertura de uma estrada até ao Boliquireme. As romagens e cortejos de ofertas e donativos transformaram-se em instituição que durou bastantes anos, vindo a ser continuada com as visitas de romagem aos presépios monumentais construídos na Casa. No aspeto organizativo os Irmãos criaram duas entidades civis: a Associação dos Irmãos de S. João de Deus, a 5 de agosto de 1923, para gerir as atividades de assistência, e a sociedade de responsabilidade limitada União Familiar em 26 de agosto de 1924, proprietária da Casa, ambas com Irmãos e amigos sócios, a qual se tornou instituição legal de beneficência.

⁴ Ver a ata da sessão em GAMEIRO e GONÇALVES, 2014, *História da Casa de Saúde S. João de Deus na Madeira*, vol. I, *Os Irmãos Hospitaleiros e os alienados. Dos antecedentes a 1960*, pp. 62-75.

Extinção do Manicómio Câmara Pestana e Inauguração da Casa

Em 19 de outubro de 1923 entrou o primeiro doente; e em abril de 1924, o tratamento de um passageiro da carreira Lisboa-Funchal-África do Sul, bem-sucedido, terá concorrido para a Junta Geral vencer algumas resistências dos seus membros e decidir transferir os doentes de sexo masculino do Manicómio Câmara Pestana para o Trapiche. A «insuficiência da enfermagem, o acanhado das instalações e o tratamento brutal e desumano prestado aos doentes, e ainda os escândalos de toda a ordem que se davam dentro daquela Bastilha», pesou nessa decisão⁵. A 20 e 21 de maio entraram 38 pacientes, tendo sido assinado pela Junta Geral um contrato com os Irmãos no dia 20, que estipulava o valor de 200\$00 de mensalidade por doente. A inauguração oficial foi feita no dia 10 de agosto de 1924, pelo provincial Fr. João Jesus Adradas, na presença do bispo, D. António Manuel Pereira Ribeiro, com ata assinada também por João Francisco de Almada, diretor clínico da Casa de Saúde.

Ocorreram na história desta Casa desde o princípio três dados paralelos que muito contribuíram para consolidar a fundação: o acolhimento e a assistência a doentes pobres, na sua maioria, internados pela Junta Geral; a existência de Irmãos de S. João de Deus esmoleiros, na Madeira, em contacto com as populações por cidades, vilas e campo, a recolherem ofertas para uma assistência de qualidade a esses pobres; e a divulgação da Casa e da Ordem pelos mesmos esmoleiros a jovens candidatos desejosos de ser Irmãos. Já por 1907 entrou na Ordem o jovem António Maria Rodrigues do Nascimento (Machico, 1881-Telhal, 1947) que viria a participar no arrendamento da Quinta do Trapiche em 1922.

Os Primeiros Anos

Nos anos 20 do século XX a doença mental coexistia com a pobreza levando a Casa a responder a estas duas necessidades: doença e pobreza, mas foram sempre as autoridades locais e seus serviços de saúde que controlaram as entradas. A teoria da degenerescência concorria também para internar o mais possível e de forma prolongada; pressionando sempre mais a aumentar as camas e os edifícios. O crescimento de doentes fez-se sempre em flecha até 1976 em que atingiu o número máximo de 503.

Desde a inauguração desta Casa, o aumento dos doentes foi muito rápido como resposta assistencial face a doenças mentais específicas. Entrava grande número de deficientes mentais com perturbações causadas, por exemplo, pelo consumo de

⁵ SILVA, 1929, *Paróquia de Santo António, Alguns Subsídios para a sua História*, p. 203.

álcool durante a gravidez e a amamentação, bem como doentes mentais adultos vítimas do próprio consumo excessivo de álcool e vítimas do álcool e dos maus tratos dos pais alcoólicos durante a infância. Desde o início que foi preciso proceder à separação e tratamento dos afetados de tuberculose, doença recorrente entre os doentes internados.

A Casa, além das adaptações realizadas nos velhos edifícios da quinta, teve que planear e executar sucessivos projetos para responder ao aumento dos internamentos e para melhorar as condições habitacionais dos edifícios de acordo com as exigências da assistência e do nível de vida. Nos primeiros seis anos, até 1930, os doentes ficaram alojados em espaços adaptados nas casas das duas quintas, uma de cada lado do caminho do Trapiche. De raiz foi construído em 1930 o pavilhão de S. José, edifício modelar na época, para cerca de uma centena de doentes tranquilos com patologias ligeiras. Cerca de 40 doentes continuaram nas velhas instalações. Entre 1935 e 1936, os Irmãos construíram os edifícios da portaria, administração, farmácia, clausura, cozinha, padaria, despensa e, ainda, uma capela nova para a comunidade e para os doentes. Para acolher em melhores condições os restantes doentes, foi erguido, entre 1934 e 1938, o pavilhão da enfermaria S. João de Deus, do lado poente do caminho do Trapiche, para os doentes agudos, os tuberculosos e outros mais perturbados, atingindo-se em 1940, 194 doentes.

Tratamentos, Psicofármacos e Ergoterapia

A Casa acompanhou sempre as correntes mais atualizadas de tratamentos. Logo em 1928 nos inventários da farmácia há referências a balanças de precisão, termocautérios, bisturis, pinças, seringas e instrumentos de dentista; e nos de 1931 e 1937, aparecem algalias, autoclaves e caixas de esterilizações; mais tarde, nos de 1940 e 1946, estão registados, entre outros aparelhos, otoscópios, rinoscópios, sondas esofágicas⁶. Os doentes são separados por secções, segundo o seu estado de saúde, incluindo uma enfermaria para tuberculosos. No início para controlar os sintomas psíquicos predominava o uso da hidroterapia e de calmantes: morfina, escopolamina e os brometos. Na década de 40, foram introduzidas as terapêuticas convulsivantes: sistocardil, eletrochoque, eletrocardiozol e choque insulínico. A partir de 1944 a Casa começou a dispor de aparelho de eletrochoques.

Neste período a partir de 1950 começaram a ser administrados na Casa os primeiros psicofármacos, clorpromazina ou Largactil, Serpasil; e mais tarde nos anos 60 o Librium,

⁶ Arquivo da Casa de Saúde S. João de Deus, 6.ª Pasta/maço, Inventários.

Valium e benzodiazepinas, usadas em simultâneo com as terapêuticas convulsivantes, insulina, cardiosol, sistocardil, EC, etc.

A ergoterapia em ocupações úteis, gratificadas, e a animação lúdica continuaram como recursos terapêuticos associados mais utilizados em paralelo com as outras terapêuticas. Podemos resumir a assistência praticada na Casa em técnicas experimentais, separação dos doentes por patologias clínicas, humanização, higiene e ocupações terapêuticas ou ergoterapia.

Segundo o que já se fazia na Casa de Saúde do Telhal, a ergoterapia foi desde o início a terapia ocupacional de eleição e estendia-se a diversas ocupações úteis na agropecuária e nos serviços domésticos. Havia ainda oficinas de sapataria, carpintaria, serralharia, forja, padaria, lavandaria em que se ocupavam doentes com habilidades especiais. Todas as ocupações úteis eram gratificadas à maneira da época com tabaco, lanches, saídas em passeio, excursões e visitas pela Ilha com piqueniques. A estas juntavam também ocupações artesanais e atividades terapêuticas lúdicas dispondo os doentes de seis instrumentos de corda. A Casa de Saúde seguia o modelo das colónias de alienados mais avançadas com multiplicidade de ocupações. Os Irmãos tornaram-se experientes neste modelo com as práticas aprendidas em Espanha, de Bento Menni, fundador, e de Luís Cebola, diretor clínico de 1911 a 1949, da Casa de Saúde do Telhal⁷.

Crescimento nos Primeiros 25 Anos

Já referimos que o crescimento em número de doentes se deveu à convergência da corrente da degenerescência dos séculos XIX-XX, defendida pelos grandes alienistas, entre os quais Miguel Bombarda; seguia a expectativa de que os alienados, uma vez doentes, ficariam doentes para o resto da vida; e se deveu também às condições sociais de extrema pobreza e ao alcoolismo, o maior problema histórico de saúde na Madeira. O princípio de internar o mais possível e de modo prolongado ou para toda a vida concorria para esgotar rapidamente as camas que iam sendo aumentadas na Casa.

Resumindo, a Casa foi inaugurada em 1924 com cerca de 40 doentes; em 1950 atingiu os 361; e, em 1960, subiu para os 405. Atingiu assim os picos mais altos da história da Casa: em 1970, contava com 492 doentes e, em 1976, acolhia 506. Podemos datar a evolução de estruturas construídas nos primeiros 20 anos: 1924-1930 – doentes internados nos espaços adaptados da quinta; 1930-1932 – pavilhão de S. José; 1932-1933 – portaria nova e casa dos Irmãos; 1934-1935 – capela em acabamento para cerca de 500 pessoas de pé; 1936-1938 – enfermaria S. João de Deus para cerca

⁷ Cf. GAMEIRO, BORGES, CARDOSO e OLIVEIRA, 2009, *Dr. Luís Cebola: um maçon na Casa de Saúde do Telhal*.

de 100 doentes agudos, subagudos e enfermaria de tuberculosos. Para fazer face aos custos destas construções foi preciso entrar em negociações difíceis com a Junta Geral passando a diária para 10\$00 logo a partir de 1927.

Dado o aumento do número dos pacientes a partir de 1940, realizou-se o planeamento, a construção e a inauguração do pavilhão de Santo António de três pisos para cerca de 120 doentes em 1953. Sendo mais tarde construído um quarto piso para aumentar em largas dezenas o número de camas. Para fazer face às necessidades crescentes da Casa construiu-se, entre 1960 e 1965, no alto da quinta do lado poente, uma grande lavandaria e rouparia. Coincidindo com o pico máximo de doentes, foi programado mais um edifício para doentes agudos, construído em 1978-1979.

Articulação com Outras Estruturas Comunitárias

Uma das estratégias muito documentadas na correspondência como prática corrente eram as altas de alguns dias para verificar se o doente já estava em condições de voltar ao convívio familiar. As cartas datadas do fim dos meses de 1937 e 1938 para a Junta Geral surpreendem por inserir quase sempre dois, três e mais nomes e freguesias de naturalidade de doentes a quem é dada alta a «título de experiência» e também alguns nomes de outros que após essas altas regressam à Casa⁸.

A Casa manteve sempre colaboração com as autoridades distritais. A Junta Geral, por indicação dos seus médicos, fazia o pedido para internamento. Além disso a assistência a militares está documentada desde 1927 e manteve-se ao longo dos anos. Na Casa foram também assistidos doentes sob a alçada da justiça; numerosas cartas e ofícios de tribunais, polícia, Procuradoria da República, etc., a pedir informações, relatórios e o envio de faturas de despesa, existentes nos arquivos, documentam esta ligação às estruturas comunitárias da Madeira.

Evolução dos Recursos Humanos

Em relação aos recursos humanos a Casa tem podido contar sempre com clínicos competentes e especializados no tratamento de doentes mentais. João Francisco de Almada (Santana, 1874-Funchal, 1942) foi o primeiro diretor clínico, desde o início até ao seu falecimento, em 1942. Foi sócio da associação Irmãos de S. João de Deus e presidente da União Familiar, sendo coadjuvado por William Clode de 1932 a 1942.

⁸ Arquivo da Casa de Saúde S. João de Deus, 2.ª Pasta de Facturas de Doentes a cargo da Junta Geral e de correspondência.

O segundo diretor clínico, Aníbal Augusto de Faria⁹, manteve-se no cargo de 1942 a 1969. No seu tempo foram introduzidas novas terapêuticas, psicofármacos, EC, insulina e outras. Neste período trabalharam na Casa também os médicos António Alberto Faria França Jardim (1916-1972) e Humberto Pestana Júnior (1912-1987).

Até aos anos 70, os Irmãos enfermeiros eram coadjuvados por auxiliares nos serviços de enfermagem, cozinha, lavandaria, costura, sapataria, lagar e agropecuária, forja/serralharia/carpintaria. Nestes serviços de apoio também se ocupava grande número de doentes em regime de ergoterapia. No final dos anos 70 deu-se uma alteração significativa nos recursos humanos de enfermagem; para assegurar os horários de 24 horas de enfermagem começaram a trabalhar na Casa enfermeiros contratados.

A animação e ludoterapia continuaram a ser implementadas; em 1960 a Casa adquiriu máquina de cinema para longas metragens que foi instalada no salão de festas do pavilhão de S. José e, nos anos 80, mudada para o novo anfiteatro cinema.

II Parte

A História da Casa de 1960 à Atualidade

Proposta do IAP Não Aceite

A instituição funcionou sempre em regime convencionado de parceria estreita com a Junta Geral do Funchal e, após a autonomia, no seguimento do 25 de Abril, com o Governo Regional da Madeira. A história da Casa, contudo, regista no seu arquivo¹⁰, nos anos 1958-1970, uma tentada articulação com o Instituto de Assistência Psiquiátrica (IAP) que não viria a resultar. O IAP constituiu uma peça importante nas sucessivas medidas para reformar a assistência social e dar uma resposta da assistência pública aos doentes sem recursos. Apesar das tendências legislativas terem começado nos anos 30 do século XX a partir da Direção Geral da Assistência, só por 1945 se começou a articular a secção de assistência psiquiátrica segundo a Lei 2006 de 11 de abril de 1945, vindo o Instituto de Assistência Psiquiátrica a ser criado em 1958¹¹. Nos anos 60 o IAP procurava aumentar as camas para dar resposta aos doentes mentais de tipo asilar, da sua responsabilidade, que ainda não eram tratados nem assistidos por falta de capacidade dos estabelecimentos existentes, tanto os de iniciativa do Estado como

⁹ Aníbal Augusto de Faria (São Vicente, 1901-Funchal, 02.11.1972), formado na Universidade de Coimbra e licenciado em Psiquiatria na Universidade de Lisboa.

¹⁰ Cf. II Livro das Atas dos Capítulos Conventuais (CC), 1948-1986, nas datas referenciadas.

¹¹ Cf. SOARES, 2008, «A Reforma dos Serviços de Assistência Psiquiátrica».

de iniciativa particular. Para implementar este objetivo o IAP precisava de aumentar as camas e a capacidade de assistir os doentes; o que o levou a pedir uma parceria à Casa de Saúde S. João de Deus do Funchal.

Na assembleia dos Irmãos da Casa, Ata 162 de 02.05.1966, foi apresentado à consideração o ofício n.º 1119/5 de 18.4.66 que a Direção Geral de Assistência (Centro [Instituto] de Assistência Psiquiátrica) enviou ao Irmão Provincial, com as bases do acordo a que se queria chegar com a criação de um Centro Psiquiátrico no Funchal, com 100 camas da Casa de Saúde do Trapiche. Todas as despesas e enfermagem seriam à conta da Casa mas o seu corpo clínico não contaria para nada. A comunidade dos Irmãos considerou que 100 camas, das 432 de que a Casa dispunha nessa data, era muito; a Casa seria mera servidora para doentes agudos e asilo para os outros: os médicos da Casa não seriam integrados no centro e os Irmãos meros enfermeiros “criados” da organização no dizer da alínea d) do ofício de resposta; e até a Casa ficaria em parte “propriedade” desse Centro. A letra do ofício não aponta sequer vantagens financeiras; nem sequer, ao contrário da Casa de Saúde S. João de Deus de Barcelos, os médicos da Casa tratariam e dariam alta aos doentes¹². Apesar da opinião geral dos Irmãos ter dito não, o IAP não desistiu e veio apresentar nova proposta de a Casa criar uma seção para menores. A Comunidade estava a planear a remodelação do Pavilhão de Santo António para melhorar as condições de superlotação dos seus serviços. De facto, a reunião dos Irmãos de 22.08.1967, volta a tratar do mesmo assunto. É apresentado novo ofício do IAP a informar que a Junta Geral pagaria por diária 32\$00 nos primeiros 120 dias sugerindo em ofício próprio que o piso a acrescentar ao pavilhão de S. António seria para uma seção de menores de 15 anos; e ainda acrescentava que os clínicos da Casa fariam parte do Centro, anteriormente proposto, se aceitassem a proposta¹³.

A Comunidade preparou a resposta nessa reunião de 22 de Agosto de 1967 que no livro de atas tem à margem o n.º 178, mas constitui apenas a minuta da resposta. Explica que a Casa não poderia aceitar; pois o quarto piso, a construir no pavilhão de Santo António, serviria para transferir doentes doutras seções superlotadas da Casa para melhorar as suas condições; e além disso, não concorda com a mistura de crianças e adultos em espaços impróprios para elas. Como se verá na alínea seguinte, o projeto de remodelação avançou fora das propostas do IAP, como estava previsto.

¹² Cf. Ofício n.º 1119/5 de 18.4.66, Direção Geral de Assistência (Centro [Instituto] de Assistência Psiquiátrica) e II Livro de Atas... (CC, n.º 162).

¹³ Cf. II Livro de Atas... (CC, n.º 177, de 22.08.1967).

Dois Edifícios

De 1961 a 1963, sob a direção do Irmão Manuel Joaquim Valente (1959-1965), foi construída uma grande lavandaria e rouparia de dois pisos, equipada e aumentada com um terceiro piso por 1970-1972. Para responder ao aumento de doentes o pavilhão de Santo António, inaugurado em 1954, e já superlotado em 1966, recebeu em 1967-1968 o planeado quarto piso sendo renovado no seu todo. As camaratas grandes, com um único bloco de salas de banho, foram divididas em salas de 6 camas, cada uma com sala de banho; foi instalado elevador e feitas outras alterações que ficaram concluídas em 1971. Como os doentes continuavam a aumentar no tempo do superior/diretor Irmão Adriano Barbosa Moreira Duarte (1965-1971), foi ainda projetado um “anexo de Santo António” entre a sua frente e a estrada, de três pisos, sobre colunas e vigas de um espaço livre, para alojar mais doentes, a inaugurar por altura dos 50 anos da Casa em 1974, sendo o rés-do-chão ocupado posteriormente com um bar e espaçoso salão e, por cima, no segundo piso, uma espaçosa sala de conferências para cerca de 150 pessoas, Sala do Sermão de S.^{to} António aos Peixes, em virtude de uma tela de António Gouvêa aí colocada em 1976.

Novo Pavilhão

O aumento dos doentes exigiu, no tempo do superior/diretor Irmão Manuel Fernandes Pimenta (1971-1977), a construção de um novo pavilhão de quatro pisos, a norte do edifício de Santo António, para alojar os doentes agudos e substituir a Enfermaria de S. João de Deus que ficaria para doentes de longo internamento. Após a construção do novo edifício, questões diversas, entre elas a doença do superior/diretor Irmão Ângelo da Silveira (1977-1980) e sua substituição por outro, interino, o Irmão Henrique Alminhas, o novo “S. João de Deus”, como veremos abaixo, acabou por ter dois primeiros pisos inaugurados em 25 de novembro de 1979 como Centro de Alcoologia (São) Ricardo Pampuri, Irmão médico italiano, só para doentes agudos do álcool.

Visitas Ilustres entre 1960 e 1969

Nesta década ficaram registadas visitas de superiores maiores, provincial e geral, e de dois bispos da diocese.

O Irmão provincial, José Joaquim Fernandes, visitou a Casa em 22 de Junho de 1962 e em 10 de Janeiro de 1964; e o provincial, Irmão Ângelo de Braga, visitou-a para estudar a construção de novo pavilhão e negociar as diárias com a Junta Geral

em 1966¹⁴, tendo feito nova visita em 1967. Recomendou melhor nível técnico associando a ciência e a técnica, a caridade e a hospitalidade, sempre dentro da sua essência eterna, conforme o exemplo que foi dado por S. João de Deus, bem como por muitos Irmãos tão veneráveis. No mesmo ano, em 25 de agosto, acompanhado pelo Provincial, a Casa foi visitada pelo Superior Geral, Fr. Higinio Aparício, com o secretário P.º Manuel Lourenço; e no dia 28.04.1970, e de novo em 1976, pelo novo Superior Geral, Fr. Alphonse Gauthier, tendo esta sido antecedida, em 1974, pelo Provincial Irmão Diamantino Ferreira.

O bispo da diocese, D. David de Sousa, celebrou a festa de S. João de Deus no dia 8 de março de 1958 na Casa; e no dia 2 agosto de 1964 administrou o crisma a 234 jovens da nova paróquia da Graça e a alguns doentes na capela da Casa que serviu durante cerca de uma dezena de anos de igreja paroquial¹⁵, felicitando a paróquia por ter comprado mais 5.000m² de terreno para a futura igreja e agradecendo o apoio dado pelos Irmãos à paróquia para utilizar, sem encargos, a capela da Casa. No fim da celebração o ilustre visitante almoçou com os Irmãos.

D. João da Silva Saraiva Inaugura Presépio Monumental em 1968

O cronista Aristides¹⁶ descreve a inauguração do presépio monumental do Natal de 1968, pelo bispo D. João da Silva Saraiva, na presença das autoridades. O presépio foi «construído numa área de 500m²» em casa de madeira coberta de colmo ao estilo madeirense. Dispunha de uma dezena de cenas e 45 figuras de tamanho natural. Em dias de muitos visitantes oferecia ainda vários quadros vivos em que entravam doentes vestidos à época. Todo ele foi integrado nas atividades de terapia ocupacional da casa que assiste 450 doentes, diz o articulista. Houve pessoas que o visitaram repetidamente, algumas até uma dúzia de vezes. Anotamos que o pavilhão coberto de colmo do presépio seria, provavelmente, aquela estrutura colocada no ângulo do caminho do Trapiche para a estrada do Boliqueime que o pintor António Gouvêa¹⁷ captou na sua tela de 1970 existente na secretaria da Casa.

¹⁴ Cf. *BIFH (Boletim de Informação Familiar e Hospitaleira)*, abril de 1966, p. 36.

¹⁵ Cf. «Trapiche informa», in *BIFH*, julho-agosto de 1964, pp. 14-18.

¹⁶ Cf. ARISTIDES, «Voz da Madeira», in *BIFH*, maio de 1969, pp. 26-31.

¹⁷ António Gouvêa (1910-1992). José Manuel Gouvêa, filho de António Gouvêa, visitou a Casa de Saúde S. João de Deus no dia 27.09.2017. Com ele observámos os quadros na Casa: 1 – tela de vista geral da Casa, 1970, na Secretaria; 2 – Ceia, 1970, no refeitório dos Irmãos; 3 – Fresco de S. João de Deus, 1974 (único na Madeira), na Receção; 4 – tela de S. Rafael, 1974, na Sala de Visitas; 5 – tela do Sermão de Santo António aos Peixes, 1976, na sala com este nome; 6 – tela de S. João de Deus a salvar doentes do fogo no Hospital Real de Granada, 1973, 03.07.1549, no Centro de Reabilitação de Alcoólicos (CRA); e 7 – S. Ricardo Pampuri, 1991, no CRA. António Gouvêa é autor de outros quadros da igreja do Bom Jesus de Ponta Delgada, Madeira.

Bodas de Ouro da Casa, 1974: Obras de Arte e Inovações

No mandato do Irmão Manuel Fernandes Pimenta, superior/diretor (1971-1977), a Casa passou por algumas renovações nas estruturas e inovações. A cozinha passou a funcionar a gás (1972), a ala sul de S. Lucas, construída por 1950 para salas de banho e apoio, no piso zero do edifício, foi duplicada para doentes (privados?) em regime de repouso junto da qual foi elevado um presépio monumental em pré-fabricado. Em 1973 João de Freitas Capelo e familiares doaram condicionadamente à Ordem uma casa e área rural no Boliqueime¹⁸.

A Casa recebeu algumas obras de arte, entre elas a estátua de S. João de Deus no jardim de entrada no dia 8 de março de 1971, em mármore de Estremoz do escultor Vasco Malveira (1971)¹⁹. Apareta ser de inspiração/réplica da estátua de bronze do Largo de S. João de Deus, Montemor-o-Novo, do escultor Manuel Fragoso (1950).

A capela foi renovada com instalação de som, lambrins em painéis de madeira de carvalho, vitrais, genuflexórios, dois confessionários de mogno, colocação de seis painéis trípticos da vida de S. João de Deus em tela, e um quadro de Santa Cecília, pintados pelo artista Henrique Afonso Costa (1912-?)²⁰ e um Crucifixo em tamanho natural.

De 1973 a 1975 foi publicado o boletim policopiado *A Voz do Doente* com finalidades de «ergoterapia literária» do qual o Arquivo da Província conserva oito números²¹.

Obras, Edifícios e Equipamentos, 1975-1989

Para substituir o superior/diretor Irmão Ângelo Silveira de Sousa (09.06.1977 a 4.03.1978), impedido, por doença, de continuar a exercer as suas funções, foi nomeado superior/diretor interino o Irmão Henrique Alminhas que chegou à Madeira acompanhado pelo Provincial Irmão Júlio Faria, no dia 29 de abril de 1978. No seu mandato iniciou-se o tratamento de alcoólicos com programa específico em edifício próprio em 1979, como vamos descrever.

¹⁸ Cf. Arquivo da Casa de Saúde S. João de Deus, 12.^a Pasta, Escrituras... 1922-2009.

¹⁹ Na base da estátua não há nome do escultor mas apenas: «Granitos e Catarias. Mármore de Maceira. Maceira-Sintra. Portugal».

²⁰ Henrique Afonso Costa é autor da tela de 9x8m, 1978, existente no Teatro Baltazar Dias, homenagem a Winston Churchill a pintar em Câmara de Lobos. Natural de Cascais, n. 18.09.1912, fixou residência na Madeira, por 1970, como pintor de publicidade e dedicou-se ao restauro e a trabalhos diversos de pintura, nomeadamente arte sacra, havendo obras suas em algumas igrejas da região, São Martinho, Canhas, São Jorge, Gaula, Calheta, Seixal, etc. «O pintor Luís António Bernes realizou a decoração da igreja nova de São Martinho, no Funchal, em parceria com João Silvino e Henrique Afonso Costa, assinando os três pintores o painel central em 1957» (LADEIRA, 2016, «Bernes, Família»). Terá falecido em S. Martinho em data desconhecida.

²¹ Arquivo da Casa de Saúde S. João de Deus, 10.^a Pasta.

Na ata da reunião da comunidade dessa data (CC – Capítulo Conventual – de 03.01.1975), é dito que ia ser construído o novo pavilhão de S. João de Deus para doentes agudos entrados, entre o pavilhão de Santo António e o estendal²², tendo sido acrescentado um quarto piso para os alcoólicos. As obras começaram em 1975 e o edifício estava em acabamentos em 23.11.1977²³.

Quando se pensava na transferência dos doentes entrados para esse novo «Pavilhão de S. João de Deus» terão surgido imprevistos. O superior/diretor Irmão Henrique Alminhas decidiu em 4 de março de 1978 que o primeiro e o segundo piso deste edifício fossem destinados aos doentes alcoólicos entrados, sendo aberto no dia 5 de novembro de 1979 como Centro de Reabilitação de Alcoólicos Ricardo Pampuri²⁴.

A inauguração, em 5 de novembro de 1979, foi feita pelo Presidente do Governo Regional, Alberto João Cardoso Jardim, o superior/diretor, o Irmão Henrique Alminhas, o diretor clínico, Armindo Saturnino Figueira da Silva, e o Irmão Feliciano Gaita, enfermeiro coordenador e elo de ligação às comunidades locais de origem dos doentes em tratamento. Até ao presente esta Unidade constitui um serviço de prevenção, tratamento, recuperação e reabilitação de homens e mulheres com problemas ligados ao álcool. Convém acrescentar que após quatro anos de funcionamento, esteve fechado entre 31 de março e 5 de novembro de 1984, por falta de verba para pagamentos das diárias dos doentes pelo Governo Regional, conforme contratualizado. Resolvido o problema, foi reaberto a 5 de novembro do mesmo ano com sessão de reabertura oficial a 25 de novembro de 1985 pelo Presidente do Governo Regional, Alberto João Cardoso Gonçalves Jardim, e vários membros do Governo Regional, tendo o Presidente destacado a ação dos Irmãos de S. João de Deus na Região no funcionamento desta Obra e assegurando o seu apoio: «sem a vossa Congregação não era possível ter esta obra a funcionar»²⁵.

Renovação de Edifícios e Novo Pavilhão de S. José

Na década de 1980 a 1990, no mandato dos superiores/diretores Irmão João Carvalho Pereira (1980-1983) e Irmão Henrique Correia Alminhas (1983-1989), a Casa teve que enfrentar a renovação total ou a demolição do velho e construção do novo

²² No dia 20.05.2015 o Irmão João Carvalho, superior de 02.06.1980 a 01.08.1983, disse ao autor que este pavilhão se destinaria a centro de saúde mental da Região Autónoma da Madeira.

²³ Cf. II Livro de Atas... (CC de 23.11.1977). No CC de 23.11.1977, já se dava por acabado sendo a Comunidade informada de que em breve se procederia à passagem dos doentes entrados (e alcoólicos) da "Enfermaria S. João de Deus para esse novo Pavilhão de S. João de Deus".

²⁴ II Livro das Atas... (CC de 12.10.1979).

²⁵ A.T. MARTINS, «Reabertura do Centro de Recuperação de Alcoólicos», in *BIFH*, dezembro de 1985, pp. 20-22.

pavilhão de S. José. Era preciso renovar e aumentar as camas do velho, datado de 1928-1932, tanto mais que o edifício acabado de construir destinado aos doentes mentais entrados servia agora para tratamento dos alcoólicos. Entretanto, nos anos 1980 e 1981, avançou a alternativa de construir um pavilhão novo a nordeste do velho sem se resolver o que fazer do velho, que já não satisfazia as necessidades dos doentes apesar de ser modelar quando foi construído. Em outubro de 1981²⁶, já o edifício novo tinha a estrutura em acabamento, mas as obras prolongaram-se até março de 1984 com grandes investimentos como vamos ver.

Ritmo de Orçamentos e Investimentos

No início de 1982 é apresentado o orçamento que contempla 15 mil contos para obras no novo pavilhão de S. José, mil contos para despesas de conservação e outras; mil contos para material de transporte e 250 contos para vários equipamentos num total de 17.250 contos. E para aquisição de gerador 3 mil contos; para equipamento das oficinas 50 contos; material audiovisual, 100 contos; móveis, 500 contos; rouparia, 500 contos; louças e talheres, 50 contos; e animais, 350 contos. Total: 4.800 contos. Tudo aprovado por unanimidade de 11 votos²⁷.

Em setembro do mesmo ano na reunião do CC de 17.09.1982²⁸ era aprovado o orçamento para 1983 em que se contemplavam 12 acrescidos de 5 mil contos de pagamentos da construção do pavilhão novo, para a empreitada e a revisão de preços; e mil contos para o projeto de remodelação do pavilhão velho.

Além desses dois itens de investimento de 17 mil contos, o orçamento de 1983 abrangia ainda 5 mil contos para o Anexo da cozinha; 5 mil para pintura e arranjos de Santo António; 800 para material de transporte; 1.000 para móveis e equipamento; 2.500 para imóveis diversos; e mais 10 mil contos equipamentos do novo S. José; 1.000 para placas solares; 750 para equipamento hospitalar; 1.250 para equipamento de oficina; 500 para material audiovisual; 500 para móveis; 1.000 para rouparia; 300 para louças e talheres; 350 para animais de aviário. Total: 46.950 contos²⁹. Foi aprovado por 10 contra zero.

O novo S. José foi acabado pelo Irmão Henrique Alminhas em novo mandato (1.08.1983-21.05.1989); foram colocados o ascensor por 1.100 (mil e cem) e placas solares, em 1983. Nos inícios de 1984 preparou-se a inauguração e decidiu-se demolir o velho

²⁶ Cf. *BIFH*, outubro de 1981, pp. 15-16.

²⁷ Cf. II Livro de Atas... (CC de 30.01.1982).

²⁸ Cf. II Livro de Atas... (CC de 17.09.1982). Uma nota a seguir a esta reunião diz que não houve reuniões formais entre 19 de setembro de 1982 e 20 de outubro de 1983. O P.^e Nuno Filipe, chegado à Casa a 24.09.1983, foi o secretário das reuniões a partir desta data.

²⁹ Na ata, por lapso, estão 41.950.

para no seu espaço construir a lavandaria/rouparia, salas de costura, gimnodesportivo, sala de espetáculos e sala de ergoterapia. O volume de investimentos tornou difícil equilibrar as contas. Na reunião da comunidade de 13.01.1984 foi dada a informação de que os 13 mil contos em caixa dão apenas para as despesas da Casa durante dois meses³⁰ deixando claro que as despesas com o novo pavilhão constituíram um esforço notável. O Secretário Regional dos Assuntos Sociais foi convidado a visitar as Casas de Saúde dos Irmãos e das Irmãs para ser informado que as dificuldades financeiras não permitiam pagar o 13.º mês³¹. No princípio de 1985, veio a verificação de que as receitas do presépio monumental, em vez de cobrir as despesas, 1.490.889\$00, as ofertas da sua caixa deram apenas 1.095.531\$50 e deixaram a descoberto 395.358\$00, sem contar as horas extraordinárias ao pessoal³².

Inauguração do Novo Edifício S. José

Alexandre Tavares Martins³³ refere que o novo pavilhão de S. José está em vias de acabamento, com rampa por trás, a norte, e que se pensa inaugurá-lo a 8 de março de 1984, festa de S. João de Deus³⁴; ao passo que o velho dará lugar a uma lavandaria, rouparia, ergoterapia, gimnodesportivo e cinema; o que indica que já tinha sido posto de parte a sua remodelação ou aumento. Em março de 1984, escreve que o novo pavilhão tem capacidade para 80 doentes agudos³⁵, e em maio³⁶ que as grandes chuvadas derrubaram cerca de 20 a 30 metros do muro da quinta da Casa do lado do Laranjal. Relata a seguir a festa de S. João de Deus e a inauguração do pavilhão de S. José do dia 8 de março, presidida por D. Teodoro de Faria com 8 sacerdotes concelebrantes na presença do Irmão Provincial, o Irmão Canês, do Irmão João Carvalho Pereira e os Irmãos da comunidade; e ainda dos carmelitas, franciscanos, Irmãs dos Álamos e Câmara Pestana, que animaram o canto, muitos doentes, empregados, voluntários de S. João de Deus e povo. Terminada a missa, realizou-se a inauguração do novo pavilhão já ocupado com 35 doentes agudos com a bênção por D. Teodoro seguindo-se o almoço de confraternização para os convidados, médicos, empregados, cantoras, voluntários, amigos e benfeitores. Os acabamentos de acessos continuaram após a inauguração, em especial a galeria coberta de ligação entre o novo S. José e a cozinha.

³⁰ II Livro das Atas... (CC de 13.01.1984).

³¹ II Livro das Atas... (CC de 28.11.1984).

³² II Livro das Atas... (CC de 01.03.1985).

³³ MARTINS, Alexandre Tavares, «Notícias do Funchal», in *BIFH*, janeiro-fevereiro de 1984, p. 14.

³⁴ O texto diz 9, mas será um lapso de impressão.

³⁵ Cf. *BIFH*, março-abril de 1984, pp. 31-32.

³⁶ Cf. *BIFH*, maio de 1984, p. 24.

No período de 1978-1985 várias outras obras se realizaram: casa mortuária, escada norte entre refeitório dos Irmãos e a cozinha, quartos de banho, telhado de zinco no terraço e colocação de caixilharia de alumínio nas janelas da clausura (1981) e na longa galeria do jardim de Santo António/S. Lucas (1981), e por fim a ligação dos esgotos à rede da Câmara Municipal, estendida até à Casa de Saúde; outra galeria de 45mx5m, construída na frente sul de Santo António para lazer, salas de banho, barbearia, etc.³⁷; um gerador elétrico de emergência (1982); a cobertura no tanque da Barreira³⁸, e um tanque de água potável no local da casa da luz³⁹; um barracão-armazém de sucata de madeiras e ferro a sul do pavilhão de S. José, e relógio de ponto (1985) e uma nova máquina de lavar roupa, polimáquina, para 50 quilos pelo preço de 944.300 mil escudos. No CC de 04.01.1985 foi aprovada a colocação de painéis solares de aquecimento de água para toda a Casa de Saúde⁴⁰, e no CC de 23.08.1985⁴¹ a colocação de caixilharia de alumínio nas janelas das frontarias leste e sul dos pavilhões de S. João de Deus e S. Lucas.

Obras em Curso, 1986-1989

O anexo da cozinha ficou pronto; o pavilhão velho de S. José é demolido para construir a rouparia, lavandaria, cinema oficinas de ergoterapia e gimnodesportivo⁴²; o primeiro computador da Casa foi instalado no dia 21 de janeiro de 1987, e faziam-se as primeiras de ligação da TV. O cronista do boletim⁴³ descreve as obras em curso dizendo que o cinema mede 12x12 metros e o palco e anexos, salas de banho e vestiários 6x12, ao passo que o gimnodesportivo tem 23,50x11,50 ficando entre um e outro um espaço comum para os intervalos. No segundo piso funciona o projetor e uma tribuna de espectadores do ginásio. Por baixo do gimnodesportivo, no rés-do-chão, ficam as lavandarias, sala de costura, máquinas de secagem; e por baixo do cinema ficam quatro salas e dois quartos para teares e oficinas, etc. Obras que iriam ficaram prontas e foram inauguradas em 16 de abril de 1989⁴⁴ pelo Presidente Alberto João Jardim.

³⁷ Cf. *BIFH*, agosto-setembro de 1981, pp. 20-22.

³⁸ Cf. *BIFH*, dezembro de 1982, p. 25.

³⁹ Cf. *BIFH*, julho de 1983, p. 13.

⁴⁰ II Livro das Atas... (CC de 04.01.1985).

⁴¹ II Livro das Atas... (CC de 23.08.1985).

⁴² Cf. MARTINS, Alexandre Tavares «Notícias do Funchal», in *BIFH*, abril de 1986, pp. 28-29. Este anexo permitiu o terraço novo do mesmo tamanho por cima e substituir uma janela por uma porta entre ele e a biblioteca junto à claraboia da cozinha. Esta casa de espetáculos com 200 cadeiras recebe o nome de "Centro de Encontros Bento Menni" em abril de 1990 (*BIFH*, maio de 1990, p. 20).

⁴³ MARTINS, Irmão Alexandre Tavares, «Notícias do Funchal», in *BIFH*, dezembro de 1988, pp. 24-25.

⁴⁴ MARTINS, Irmão Alexandre Tavares, «Notícias do Funchal», in *BIFH*, maio de 1989, pp. 19-21, em que cita a crónica do *Jornal da Madeira* de 17.04.1989 a referir que o valor destas obras foi de 150 mil contos.

Na década de 1989 a 1998, nos mandatos dos superiores/diretores Irmãos António Matos Matias (1989-1992) e Horácio Martins Monteiro (1992-1998), o ritmo das obras e melhoramentos abrandou, mas não parou. Abriu-se um caminho de acesso à horta; em 1991 a estrada Trapiche/Boliqueime é alargada e alcatroada para permitir os transportes públicos⁴⁵; e é pedido à Câmara Municipal a construção de um abrigo na paragem em frente da entrada, propondo-se a Casa oferecer terreno⁴⁶. No mandato do novo superior/diretor Irmão Horácio Martins Monteiro (1992-1998) foi construído o Bar Panorâmico, inaugurado em 16 de fevereiro de 1995, na parte baixa do jardim de S. José, com vista para a Baía do Funchal, com salão de 150 cadeiras, gabinete de pastoral da saúde e animação e voluntariado, salas anexas de fumadores, biblioteca dos doentes e sala para onde foi transferida em 2003 a escola de ensino recorrente de escolarização dos utentes que funcionava no anexo de Santo António⁴⁷.

Neste período, além das ocupações de ergoterapia, utilitárias e gratificadas, funcionavam um ateliê geral no antigo bar, um ateliê de tecelagem artesanal, com professor dos serviços de educação em que alguns doentes se escolarizam. A Casa foi dotada de um ginásio equipado com dezenas de aparelhos, situado no rés-do-chão do edifício de Santo António, em que grupos de doentes começaram a praticar exercícios físicos sob orientação de monitores.

Ciclo da Desinstitucionalização

Correntes de Psiquiatria

A década de 70 do século XX foi fértil em novas correntes e tendências na área da assistência psiquiátrica. Sucederam-se, combinaram-se e atacaram-se várias delas. Recordemos, de entre elas, o sistema de porta aberta, psiquiatria social, psiquiatria comunitária; a antipsiquiatria, conceito polémico, a mais iconoclasta, e a desinstitucionalização. O encontro de 12-14 de outubro de 1974, no Hospital de Santa Maria, Lisboa, ficou marcado por cenas inesperadas. O encontro do GODIP (Grupo Organizativo de Debates sobre Instituições Psiquiátricas) teve a participação de David G. Coopers (1931-1986) e Ronald David Laing (1927-1989). Nos debates exprimiram-se barbaridades, tais como as que o enfermeiro Cândido da Costa registou⁴⁸.

⁴⁵ Cf. *BIFH*, maio de 1990, p. 20.

⁴⁶ Cf. *BIFH*, março de 1991, p. 22.

⁴⁷ Cf. *BIFH*, março de 1995, pp. 12-14.

⁴⁸ COSTA, 1975, «Sobre debates e congressos de psiquiatria»: «Vamos imediatamente destruir o busto de Egas Moniz e o museu do mesmo nome»; «vamos amanhã abrir as portas dos manicómios...» E ainda, ouvimos nós: vamos rebentar as grades do Hospital Júlio de Matos e libertar os doentes.

Por 1980 a Casa iniciou um processo de desinstitucionalização implementado com sucesso por Saturnino da Silva⁴⁹, valorizando a psiquiatria comunitária mediante a ligação à família, internamentos breves, sistema de porta giratória e colocação de doentes em lares e na família. Foi assim possível reduzir a lotação máxima da história da Casa de mais de 500 doentes e estabilizá-la à volta de 300 doentes até hoje.

O ciclo de desinstitucionalização e de redução do número de doentes internados atribui-se, porém, a vários outros fatores, a novas metodologias, aos psicofármacos de segunda geração, aos decanoatos de efeito retardado em injeções mensais e quinzenais, e outras terapias. A corrente ideológica extremista da antipsiquiatria dos anos 70, apesar de polémica e por vezes “enlouquecida”, pressionou a adoção do sistema da porta aberta, porta giratória, psiquiatria comunitária e, pela última década do século XX, a reabilitação psicossocial, sempre coadjuvadas por sucessivas gerações de psicofármacos. Estas mudanças promoveram tempos mais curtos de internamento, repetidas altas e novas readmissões em caso de crise, a manutenção dos laços familiares e mais saídas definitivas. Tudo concorreu para reduzir os doentes internados. Saturnino da Silva, no tempo em que exerceu a função de diretor clínico, como pode ser visto na documentação referida no final, favoreceu a desinstitucionalização de muitas dezenas de doentes, a par da conseqüente reinserção familiar, incluindo casos de carácter social. De 1980 a 1990 o número de doentes internados desceu para 374 e de 1990 a 2000 para 274. Nesta década, iniciou-se a reabilitação psicossocial implementada em cerca de 60 pacientes, em cinco unidades de reabilitação. O número de doentes internados estabilizou, rondando, em 2014, os 270-280 doentes.

Nos anos 70 do século XX os deficientes mentais jovens e adultos começaram a ter os seus centros de dia e escolas especiais e a serem internados cada vez menos na Casa de Saúde de psiquiatria, mantendo-se as valências de doentes agudos e de internamento longo, sendo em 1979 acrescentada a valência dos alcoólicos como veremos. Desde a inauguração da Casa, o aumento dos doentes foi muito rápido, porquanto falhava resposta assistencial face a doenças mentais específicas.

⁴⁹ Armindo Saturnino Pinto Figueira da Silva, São Pedro, Funchal, 11.02.1940, iniciou funções na Casa em 1969 como terceiro diretor clínico, coadjuvado pelo psiquiatra José Vieira Nóbrega Fernandes e por outros clínicos, técnicos e enfermeiros. Frequentou o liceu do Funchal e a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, em que se licenciou em 30.07.1965, obtendo a especialidade de Psiquiatria em 1968. Exerceu no Centro de Saúde Bom Jesus e, de 1969 a 2001, foi diretor clínico da Casa e da Casa de Saúde Câmara Pestana e do Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família. Desempenhou ainda as funções de médico chefe de Saúde Mental da Direcção Regional de Saúde Pública, ensino de Psiquiatria, atividades jornalísticas de divulgação científica sobre as doenças alcoólicas e meios de as combater, estudos sobre a evolução da Psiquiatria na Madeira. Tem sido membro de várias organizações entre elas da Sociedade para o Estudo da Deficiência Mental e de organismos de alcoologia e adições, tendo proferido várias conferências médicas e colaborado em várias publicações.

Havia também um grande número de deficientes mentais afetadas pelo consumo de álcool durante a gravidez e a amamentação, e pelo *spectrum* de perturbações alcoólicas fetais, e por sequelas de consumo excessivo de álcool. Os deficientes, vítimas do álcool das mães durante a gravidez e dos maus tratos de pais alcoólicos durante a infância ou do próprio consumo desde tenra idade, concorreram sempre para aumentar o número de doentes mentais na Ilha⁵⁰, e as crónicas jornalísticas sobre a Casa logo nos primeiros dez anos o comprovam⁵¹.

Resposta Específica para os Problemas Ligados ao Álcool

A partir de 1979 a Casa criou resposta específica para os doentes alcoólicos sem e com outras morbilidades, os quais concorriam com mais de 50% dos internamentos agudos na Casa de Saúde. Foi criado o Centro de Reabilitação de Alcoólicos S. Ricardo Pampuri com 22 camas, um programa de tratamento mais curto e específico que veio também contribuir para reduzir o número de camas no resto da Casa de Saúde. O Centro de Reabilitação de Alcoólicos (CRA) foi inaugurado em 5 de novembro de 1979, como já ficou dito, acima, pelo Presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, estando presentes o diretor/superior da Casa, o Irmão Henrique Alminhas, o Secretário Regional da Saúde, Nélio Mendonça e o diretor clínico, Saturnino da Silva, alcoologista competente, coadjuvado pelo Irmão Enfermeiro Feliciano Gaita, até 2001 a marca de enfermagem do Centro. Este serviço tem continuado os seus padrões de qualidade. Funcionou desde o início em regime aberto, para homens e mulheres, oferecendo um programa de tratamento com intervenção biológica, psicossocial e espiritual, cuja duração era um mês.

Ciclo de Requalificações e de Reabilitação Psicossocial, 1998-2015

Psiquiatria Forense

Como já ficou dito acima a Casa de Saúde desde o início sempre assistiu doentes prisionais e outros referenciados pelos tribunais, mas desde finais do século XX ficou abrangida pela Lei de saúde mental, n.º 36/98, de 24 de julho, para os internamentos compulsivos, que teve nova versão com a Lei n.º 101/99, de 26/07. A Casa sempre tratou doentes sob a alçada da justiça, mas em alojamentos comuns com os dos outros doentes, podendo circular nos espaços e jardins da unidade de agudos.

⁵⁰ Cf. SILVA e MENEZES, 1922, *Elucidário Madeirense*, vol. II, na entrada «Junta Agrícola».

⁵¹ Cf. GAMEIRO e GONÇALVES, 2014, *História da Casa de Saúde S. João de Deus na Madeira*, vol. I, *Os Irmãos Hospitaleiros e os alienados. Dos antecedentes a 1960*, pp. 141-151. Cf. também GAMEIRO, LEMOS, 2017, «Alcoolismo, Prevenção e seu Tratamento na Madeira».

Os internamentos compulsivos mais frequentes são devidos à prevenção de riscos para si, para a família, a sociedade, e acidentes de condução com álcool. A Casa foi visitada no âmbito desta lei pelo Comité Europeu para a Prevenção da Tortura e das Penas ou Tratamentos Desumanos ou Degradantes (CPT), de 14 a 25 de janeiro de 2008, ficando o Comité referido agradavelmente surpreendido por este regime de meia liberdade interna dos doentes.

Reabilitação Psicossocial

Por 1998, no mandato do superior/diretor Irmão Amadeu Videira (1998-2001), foram iniciados programas de reabilitação psicossocial com alguns treinos de atividades de vida diária (AVD) para duas dezenas de utentes autónomos de internamento prolongado em ordem à criação de unidades e espaços redimensionados. A implementação progressiva da reabilitação psicossocial permitiu avançar para uma nova fase muito significativa na história da Casa de Saúde.

Este treino foi intensificado no mandato seguinte do P.^e Aires Gameiro (2001-2004), sendo, nestes anos, requalificados três pisos do edifício de Santo António para receber três unidades: gerontopsiquiatria, vocacionada para pacientes idosos estabilizados, com dependência progressiva; e duas para doentes autónomos em reabilitação e treino nas AVD. Cada uma ficou com cerca de 20 camas, em quartos de duas e três camas com sala de banho, de acordo com os graus de autonomia, sala de TV, refeitório e pequena cozinha para cada uma. A de gerontopsiquiatria foi equipada com salas de banhos assistidos, apoios nos corredores, etc. Estas unidades exigiram obras de vulto nos vários pisos dos edifícios existentes e um novo elevador. No dia 28 de maio de 2003 a Secretária dos Assuntos Sociais Conceição Estudante inaugurou a reestruturação destas unidades com os nomes de “Dr. João d’Almada”, “Irmão Manuel Maria Gonçalves” e “Irmão Manuel Pimenta”. Na sessão de inauguração esteve presente a filha de João de Almada, Senhora D. Maria do Prado de Almada Cardoso, e um neto, João Prado Almada Cardoso. No mesmo período foram requalificados outros espaços para unidades de vida autónoma como veremos abaixo.

Os 25 anos de Alcoologia

Ao comemorar os 25 anos verificou-se que o Centro de Recuperação de Alcoólicos tem concorrido para a reabilitação de mais de 10 mil alcoólicos em parceria especial com a Associação Anti-Alcoólica da Madeira. É de notar que as entradas de doentes com problemas ligados ao álcool superam todas as outras. Com efeito, ao comparar as entradas de doentes com problemas ligados à dependência do álcool com as de

doentes agudos de 1997 a 2001 observa-se que os alcoólicos admitidos superam os doentes internados por outras patologias em mais de o dobro.

Tabela n.º 1 – Doentes Internados por Problemas de Álcool e outras Patologias, 1997-2001

1997	1998	1999	2000	2001
342 – alcoólicos	377 – alc.	360 – alc.	334 – alc.	332 – alc.
145 – psiquiátricos	160 – psiq.	174 – psiq.	147 – psiq.	151 – psiq.

Fonte: Registo estatístico da Casa de Saúde S. João de Deus.

Nas várias avaliações da ação, para 88% de homens e 12% de mulheres, contam-se médias variáveis de sucesso à volta de 78% até seis meses de abstinência; as quais descem progressivamente em abstinências de dois, três, cinco e mais anos. Contudo, dois ou cinco anos, já são anos com mais saúde, de produtividade aumentada, de redução de dias de hospital por doenças dependentes, quase inteiramente devidas ao álcool. Verifica-se também que os tratamentos pelos 40 anos, quando marcados pelos danos graves do álcool, tornam mais difícil a recuperação.

A duração de um mês do programa concorreu igualmente para reduzir o tempo de internamento e a rotatividade das camas e os custos da saúde em hospital. O programa intensivo abrange as várias dimensões biopsicossociais e espirituais/religiosas da pessoa. Os afetados dos problemas ligados ao álcool chegam com sequelas da intoxicação, perturbações nervosas, insónias, cirroses, demência, perturbações. As alterações do comportamento sociomoral e das relações familiares e laborais, associadas à dependência alcoólica, não raro remontam a mais de 20 anos, sabendo-se que num terço o consumo dependente data de antes dos 15 anos.

Os aspetos comportamentais, psicológicos e espirituais merecem especial atenção nas três reuniões diárias de terapia de grupo, encontros de psico-educação e de temas de espiritualidade. A dimensão religiosa é também abordada quando o solicitam.

Prevenção

Na área da prevenção e pós-cura dos problemas ligados ao álcool, a Casa tem desenvolvido parcerias não apenas com a Associação Anti-Alcoólica da Madeira, mas com centros de saúde e outros organismos mediante ações de sensibilização e formação para promover estilos de vida saudável. Desenvolveu em 2002 o “Projeto Alerta-Saúde” realizado na Casa de Saúde em sessões de formação por turnos de duas a três horas de duração em que as crianças eram acompanhadas por professores, educadores ou técnicos. Incluíam visita às instalações da unidade de alcoologia, reunião de perguntas-respostas com um enfermeiro, e, por vezes, também com os utentes em recuperação, uma sessão de trabalhos de ateliê com desenhos e cartazes

e uma sessão de perguntas livres e respostas esclarecedoras dadas por um painel de técnicos, psicólogos, enfermeiros, assistente social. Realizou-se também uma jornada da festa da saúde: “Férias com Alerta”. Nestes projetos entre alunos e adultos participaram cerca de 350 pessoas.

Reunião das Primeiras Quartas-Feiras

Na área de pós-cura a Casa mantém, há longos anos, uma ação de ligação para os alcoólicos tratados no centro de alcoologia nas primeiras quartas-feiras, um encontro mensal com recuperados e famílias com cerca de 150 a 200 participantes vindos de fora, sendo eles mesmos os palestrantes mediante os seus testemunhos livres e histórias de vida. Durante a reunião muitos recebem diplomas pelos vários anos de abstinência total de bebidas alcoólicas. Os seus testemunhos feitos de forma livre são de tal modo pertinentes e claros que levaram um dos psiquiatras que participa a usar o termo de que estas ações se tornaram na “universidade” do Centro. Com elas reduzem-se as recaídas e os danos para os próprios, os sofrimentos das famílias e os custos do álcool.

Requalificações e Reabilitação Psicossocial

Em 2002 foram sucessivamente implantadas as Unidades de Reabilitação Lucena e Elvira, intramuros, de 12 e 8 utentes respetivamente, em áreas requalificadas de quartos de duas camas e casa de banho completa, sala de TV, sala de jantar, cozinha e lavandaria em que foi continuado o treino intensivo de capacidades sociais por uma equipa multidisciplinar, dos doentes selecionados de outras unidades. Estas duas unidades resultaram da requalificação dos espaços do terceiro e quarto piso, devolutos e degradados, no edifício de alcoologia.

No mesmo período foi requalificado o próprio Centro de Alcoologia sendo remodelados alguns quartos e instaladas casas de banho em quartos que não tinham e outros melhoramentos na sala Aquário para as reuniões de terapia de grupo e na sala de encontros na sala do Sermão de Santo António aos Peixes. Todas estas reestruturações referidas no edifício, Unidade de Alcoologia, Unidades Lucena e Elvira, foram inauguradas pelo Presidente do Governo Regional Alberto João Jardim no dia 20 de dezembro de 2003, no âmbito de uma sessão solene para antecipadamente comemorar os 25 anos do Centro de Alcoologia. A comemoração continuou noutra sessão, no anfiteatro do Centro Bento Menni, apinhado por cerca de duzentos recuperados e familiares, muitos dos quais receberam diplomas pelos vários anos de abstinência total de bebidas alcoólicas.

Situação das Valências e Unidades da Casa em 2007

No dia 8 de março de 2004, após obras de renovação e reestruturação para instalar sala de estar e refeitório, foi inaugurada a unidade Caminho nos espaços do Anexo de Santo António para 16 camas. Esta unidade de reabilitação psicossocial foi instalada no local onde se encontrava a escola de ensino recorrente, a qual foi transferida para o edifício do bar. O quarto piso do pavilhão S. João de Deus, igualmente requalificado com quartos de duas e três camas, sala de banho, casa de TV, refeitório e cozinha, acolheu a unidade Coragem para 20 doentes tomados da unidade S. Lucas e entretanto treinados nas atividades de vida diária e maior autonomia.

Em 2004, após estas requalificações, criação e subdivisão de unidades, a Casa, em vez de 5 unidades, dispunha de 11 com as seguintes valências: 1 unidade de psiquiatria de agudos e subagudos, 4 unidades de internamentos longos, 1 de psicogeriatrics, 1 de alcoologia, 4 unidades de vida apoiada e reabilitação (UVAP), ao todo, portanto, 11 unidades para o mesmo número de cerca de 270 doentes. Na unidade de 20 camas para psicogeriatrics e grandes dependências, pode dizer-se que a Casa presta cuidados continuados *avant la lettre*. De todas elas, o CRA S. Ricardo Pampuri é a única unidade que trata também mulheres com problemas ligados ao álcool.

Resta acrescentar que em 2006 se fez a transferência dos restantes 35 doentes da unidade de S. Lucas no rés-do-chão do pavilhão de S. João de Deus, para instalações provisórias remodeladas no primeiro piso de Santo António. Dado o caráter provisório desta mudança, iniciou-se o plano de instalações adequadas em edifício novo definitivo. No mesmo período, para a criada unidade Estrelícia para seis utentes autónomos, foram adquiridos dois apartamentos ligados, extra-muros, no Bairro da Madalena em Santo António.

Para o mesmo número de doentes, 270-280, a Casa de Saúde dispõe a partir desta data as valências e unidades que especificamos a seguir.

- 1 – *A Unidade de Agudos e Sub-Agudos, S. José*, com cerca de 51 camas. Nela funcionam o programa de um mês e outro de 90 dias de tratamento. E nos mesmos espaços são tratados os doentes compulsivos enviados pelos tribunais, segundo a lei de 1998, portanto, sem separação dos outros pacientes, como se disse acima.
- 2 – *A Unidade de Alcoologia, Ricardo Pampuri (S. Ricardo, O.H.)*, com 23 camas onde são tratados homens e mulheres com problemas de dependência alcoólica com um programa de quatro semanas. É um serviço de porta aberta em que os doentes são admitidos a seu pedido ou que aceitam o tratamento. Por vezes são também internados alguns compulsivamente por mandato do juiz quando houve acidente mais grave com álcool.

- 3 – *Unidade Elvira*, para treino em competências para uma vida autónoma, de 8 camas para doentes em fase avançada de reabilitação psicossocial e com probabilidades de irem viver na comunidade ou em família. Treinam-se a cozinhar, fazer compras, lavar e cuidar da roupa em ordem a adquirir competências pessoais e sociais.
- 4 – *Unidade Lucena*, também para treino de competências pessoais e sociais de autonomia, com 10 camas para doentes com menor grau de autonomia.
- 5 – *Unidade Irmão Manuel Pimenta*, para treino inicial de competências de autonomia nas atividades de vida diária (AVD) com 24 camas.
- 6 – *Unidade de psicogeriatrica de cuidados continuados Dr. João d'Almada*, com 20 camas reestruturada e equipada para esta categoria de doentes.
- 7 – *Unidade Irmão Manuel Maria Gonçalves*, de pacientes idosos menos dependentes que os da unidade anterior, com 25 camas.
- 8 – *Unidade Caminho*, com 12 camas de pacientes estabilizados que na sua maioria, por razões sociais, não preenchem ainda as condições para deixar a Casa e se ocupam em atividade utilitárias e recebem recompensas equitativas.
- 9 – *Unidade Coragem*, com 19 camas para pacientes com limitações psicológicas que usufruíram de treino prolongado nas competências pessoais e adquiriram um grau médio de autonomia nas atividades de vida diária.

Todas as unidades de 4 a 9, remodeladas nas suas estruturas e espaços; dispõem de cozinha, refeitório, sala de televisão e de estar, quartos individuais, duplos e triplos com sala de banho completa; e todo o serviço doméstico é levado a cabo pelos utentes sob a supervisão de monitora. Nalgumas também são acompanhados por auxiliar(es). A supervisão é feita por técnicos. Só na unidade Elvira a cozinha é usada diariamente.

- 10 – *Unidade S. João de Deus*, com 43 camas para pacientes semi-autónomos, 15 dos quais treinados nas atividades de vida diária a viver em quartos individuais e duplos.
- 11 – *Unidade de S. Lucas*, com 30 doentes com elevado grau de dependência e instabilidade, na sua maior parte jovens adultos em instalações provisórias à espera de novo edifício.
- 12 – *Residência Estrelícia*, na comunidade, no bairro da Madalena, Santo António, com 6 camas a uns cinco quilómetros da Casa de Saúde em Santo António, para doentes transferidos da unidade Elvira que agora vivem em maior autonomia com supervisão adequada.

Áreas Administrativas; Supressão de Barreiras Arquitetónicas

Um outro capítulo de requalificações, levado a cabo no mesmo período, 2001-2004, englobou os serviços de receção, secretaria e administração, espaços de ligação entre unidades e supressão de barreiras. Todos os espaços da portaria, secretaria, receção e serviços anexos de consultas, farmácia/depósito foram remodelados com arranjos e visual renovado pelo superior/diretor Irmão Amadeu Videira (1998-2001) o qual também reestruturou quatro quartos para hóspedes de passagem pela Casa de Saúde em serviço. As obras dos espaços administrativos foram terminadas já no tempo do novo diretor Irmão Aires Gameiro (2001-2004). Desta remodelação resultou uma sala de formação, secretaria mais espaçosa, gabinetes do diretor, diretor clínico, diretor de enfermagem e sala de direção.

No início do século XXI a Casa de Saúde começou a empreender vários programas de supressão de barreiras e abertura de acessos a ambulâncias e carros de bombeiros, a espaços semifechados. Os edifícios da Casa de Saúde foram edificados em terrenos com grande declive com muitas escadas que dificultavam a circulação e obrigavam a muitos transportes às costas.

Entre pequenas e grandes remodelações, foram construídas nestes anos mais de uma dezena de rampas, a mais longa no jardim de S. José, inaugurada com o nome de Passeio Irmão Manuel Pereira, no dia 14 de março de 2003, pela Secretária Regional dos Assuntos Sociais, Conceição Estudante, na presença de um irmão de Manuel Pereira de 91 anos e 28 desta Casa, que se deslocava em cadeira de rodas. Esta rampa, desde as oficinas ao anfiteatro/cinema, liga, sem barreiras, sete níveis e os níveis dos quatro túneis sob o caminho do Trapiche que divide as duas partes da Casa, nascente e poente; facilita a comunicação entre o bar, unidades de Santo António, rouparia e cinema/anfiteatro. Foram abertas duas outras rampas de penetração destinadas a ambulâncias e carros de bombeiros. Em 2004 deu-se início à abertura de um túnel de acesso a um novo elevador para ligar 10 unidades em seis pisos para permitir a circulação dos carros das refeições.

Na mesma linha de abrir os espaços internos da Casa e facilitar a circulação entre unidades, por toda a Casa, procedeu-se neste período à abertura de uma dezena de portas e portões de passagem e de ligação entre espaços e unidades, antes em compartimentos dificilmente comunicáveis.

Acolhimento de Emergência em 2010

O povo da Madeira sofreu uma calamidade no dia 20 de fevereiro de 2010 com as cheias, o transbordar das ribeiras e o deslizar de massas colossais das suas barreiras. Mesmo ao lado da Casa de Saúde foram arrastadas para a morte cerca de uma dezena

de pessoas e grande número ficou sem casa. A Casa transformou-se num grande centro de acolhimento de emergência onde cerca de uma centena de pessoas encontraram abrigo imediato, alimentação, roupas e uma cama. Algumas dezenas ficaram vários dias, mas cerca de meia centena teve que prolongar a estadia até ser remediada a situação.

Ações de Formação e Investigação

Desde 1979 ao presente os técnicos da Casa participaram em mais de uma dezena de jornadas e congressos internacionais de Psiquiatria “S. João de Deus” promovidos pelo Instituto S. João de Deus, em Lisboa na Reitoria da Universidade de Lisboa, na Universidade Católica Portuguesa e na Culturgest, em parceria com as Irmãs Hospitaleiras do S. Coração de Jesus, congressos que atingiram entre 350 e 550 participantes, nacionais e estrangeiros. Além dos temas de saúde mental, terapêuticas medicamentosas e alcoologia, tem incluído desde há trinta anos os temas de ocupação e reabilitação psicossocial, humanização, ética, psiquiatria na comunidade, internamentos curtos, cuidados holísticos e pastoral da saúde. Quase todas as atas foram publicadas⁵². Todos tiveram uma ou duas mesas sobre os problemas ligados ao álcool. Muitos dos temas aí tratados refletem as atividades e pesquisas realizadas por alguns dos técnicos das Unidades de Alcoologia do Instituto S. João de Deus, algumas delas publicadas em livros, nas atas dos Congressos ou nas páginas da revista *Hospitalidade*.

As ações de formação promovidas e organizadas por esta Casa de Saúde também se multiplicaram nos últimos anos. No ano 2000, em conjunto com a Casa de Saúde Câmara Pestana das Irmãs Hospitaleiras, a Casa de Saúde S. João de Deus realizou as grandes jornadas de Psiquiatria comemorativas dos 75 anos de ambas as casas de saúde.

Desde então até ao presente foram dezenas as ações de formação, jornadas, seminários e encontros, abertas ao público exterior para os quais foram convidados preletores e conferencistas da região e do continente. Damos uma lista de algumas delas neste período: Jornadas de Voluntariado S. João de Deus (14.12.2001); Festa da Saúde S. João de Deus para crianças e jovens (1.05 2002); I Seminário de Reabilitação Psicossocial (16.10.2002); I Encontro de Alcoologia (18-19.10.2002); II Jornadas de

⁵² As seis primeiras foram coordenadas por Aires Gameiro: *I Jornadas de Psiquiatria S. João de Deus. Comunicações*, Lisboa, Ciba-Geigy, 1979; *II Jornadas de Psiquiatria S. João de Deus. Comunicações*, Telhal, Ed. Hospitalidade, 1981; *III Jornadas de Psiquiatria S. João de Deus. Comunicações*, Telhal, Ed. Hospitalidade, 1986; *IV Congresso de Psiquiatria S. João de Deus. Comunicações*, Telhal, Ed. Hospitalidade, 1991; *V Congresso de Psiquiatria S. João de Deus. Doente. Família. Comunidade*, Telhal, Ed. Hospitalidade, 1994; *VI Congresso Internacional de Psiquiatria S. João de Deus – Comunicações*, Ed. Hospitalidade, 1996.

Voluntariado S. João de Deus (4.01.2003); I Jornadas de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica da Casa e da RAM (14-15.03.2003), as quais desde essa data até ao presente tiveram mais 6 edições; I Simpósio de Pessoas Dependentes e Pessoas com deficiências (28.05.2003); Encontro de Humanização e Pastoral da Saúde (20.11.2003); II Encontro de Alcoologia nos 25 Anos do Centro Ricardo Pampuri (15-16.04.2004). Este ritmo de jornadas continuou com ritmo mais espaçado até ao presente.

Uma das ações de formação e investigação teve como tema a genética das esquizofrenias em cujo projeto esta Casa tem colaborado: o projeto "Investigação Genética das Esquizofrenias e da Doença Bipolar", dirigido pelo Professor Doutor Carlos Pato, da Universidade de Nova Iorque (Siracusa) e financiado pelo Instituto Nacional de Saúde Mental, Estados Unidos da América. Decorreu também nas casas de saúde da Madeira, e em 2004 estava já em fase conclusiva nos Açores onde as casas de saúde dessa região também participaram.

Para implementar a comunicação e formação interna e externa, em agosto de 2001 começou a ser publicado em papel e distribuído dentro e fora de casa o boletim de 8 páginas chamado *O Joandeíno. Pela Saúde e Prevenção da Exclusão Social*. Atualmente continua com edições digitais e o nome de Newsletter.

Missão e Valores: Escola de Hospitalidade

A partir de 2012 a Ordem Hospitaleira lançou o projeto dos seus valores e missão para o Instituto S. João de Deus. Adotou o grupo de valores prioritários para promover a sua missão: qualidade, respeito, responsabilidade e espiritualidade. Para concretizar atitudes fundamentais ligadas ao valor holístico do ser humano, à sua dimensão espiritual e à sua dignidade o Instituto lançou a Escola de Espiritualidade. Estas atitudes integram ainda a criatividade, inovação, empreendedorismo, assistência integral, rigor técnico, científico, envolvimento multidisciplinar e transparência. Para consolidar a sua memória e valores o Instituto S. João de Deus implementou um sistema de gestão baseado nos critérios EQUASS – *European Quality in Social Services* –, a partir da missão, visão, valores e políticas adotadas pela Ordem Hospitaleira. Esta formação é coordenada por gestores de qualidade na Casa segundo linhas de orientação, preparadas e supervisionadas por uma equipa do Instituto.

Têm sido realizados ainda vários cursos intensivos em serviço, participados por grupos de colaboradores e de áreas disciplinares, orientados por formadores de dentro e convidados, em duas vertentes: a técnica e a dos valores da Ordem Hospitaleira. Para implementar esta formação a nível mais estruturado e avaliação contínua foi instituída a figura da Escola de Hospitalidade com cerca de duas dezenas de conteúdos, entre os quais, identidade e relacionamento interpessoal, vida de S. João de Deus,

síntese da história da Ordem, cultura hospitaleira, religiões e Igreja católica, carisma hospitaleiro, pastoral, ética, gestão carismática e liderança, técnica e humanização num total de 40 horas por cujo programa de formação já passaram cerca de 95% dos técnicos e auxiliares do pessoal desta Casa.

Celebrações dos 90 anos da Ordem Hospitaleira e da Casa

As comemorações dos 90 anos da Casa foram celebradas em duas datas: em 10 de outubro de 2012, fundação da comunidade dos Irmãos de S. João de Deus na Madeira; e inauguração da Casa a 10 de agosto de 2014.

Nos atos comemorativos da primeira data, além da celebração de missa de ação de graças e de uma exposição evocativa de fotografias e documentos, realizou-se uma sessão solene. Nesta falaram: o Irmão Provincial; António Almada Cardoso, neto do primeiro diretor clínico, João de Almada, sobre o contexto social da fundação, o P.^e Aires Gameiro, OH, sobre os inícios da Ordem Hospitaleira na Madeira; D. Teodoro Faria, bispo emérito do Funchal, com “um testemunho sobre os Irmãos e as memórias de infância e juventude”. A sessão foi encerrada por D. António Carrilho, bispo da diocese do Funchal. Esteve presente a D. Maria do Prado Almada Cardoso, filha de João Almada Cardoso.

Os 90 anos da Inauguração da Casa

As comemorações do 10 de agosto de 2014 foram transferidas para 12 de dezembro 2014. Nesse dia o Presidente do Governo Regional Alberto João Cardoso Gonçalves Jardim inaugurou a requalificação de todo o edifício de S. José e todos os acessos: o espaço coberto da Praça da Hospitalidade, passadeiras cobertas e esplanadas. Além do Presidente do Governo Regional da Madeira, estiveram presentes D. António Carrilho, bispo da Diocese do Funchal, que benzeu o edifício, o provincial da Ordem, o Irmão Vítor Lameiras, o Secretário Regional da Saúde e Assuntos Sociais, Francisco Jardim Ramos, Irmãos, membros da Direção e outras individualidades e amigos da Casa. A visita a todo o edifício terminou com um Madeira de honra no Bar Panorâmico da Casa. Na ocasião o Presidente do Governo Regional destacou a importância destas instituições pois em tempo de crise esta unidade que custou 1,5 milhões de euros aos fundos europeus e teve cerca de 1 milhão de investimento da Casa, ficou a ser das melhores do país e da Europa. O Irmão Provincial, por sua vez, referiu que estes melhoramentos traduzem a preocupação da Ordem em prestar cuidados técnicos da melhor qualidade aos doentes assistidos.

Em 2018 foi requalificado o piso zero de S. Lucas, devoluto desde 2007, com 22 camas, benzido e inaugurado em 30 de maio para cuidados continuados de doentes com

demências com o nome de Unidade Beato João Jesus Adradas⁵³. No mesmo conjunto agora requalificado, sobre dois pisos para estacionamento de cerca de 80 carros foi inaugurado um amplo espaço para eventos sociais de cerca de 1.200m² que recebeu o nome de Praça (João Ávila) Angulo, um companheiro colaborador e mordomo do Hospital de S. João de Deus em Granada. A inauguração da unidade e da praça constitui um passo significativo na humanização das instalações levado a cabo nesta Casa de psiquiatria do Instituto S. João de Deus.

Publicações

No dia 12 de dezembro de 2014 na Reitoria da Universidade da Madeira realizou-se uma sessão do lançamento do livro: *História da Casa de Saúde S. João de Deus na Madeira*, vol. I⁵⁴, *Os Irmãos de S. João de Deus e os alienados. Dos antecedentes a 1960*, Lisboa, Esfera do Caos, 2014, da autoria de Aires Gameiro, OH, e Manuel Maria Gonçalves, OH, apresentado por Rui Carita em mesa presidida por José Sílvio Moreira Fernandes, Vice-Reitor da UMa, e com presença de D. Teodoro Faria, bispo emérito do Funchal, autor do posfácio do livro, e João Henrique da Silva, Diretor Regional dos Assuntos Culturais da Madeira.

Integrado nos 90 anos da Casa e 35 do CRA, foi lançado em Junho de 2016 o livro de Manuel Gama *A Reabilitação Alcoólica na Madeira. Um homem – uma causa*, Funchal, Esfera do Caos, 2016.

Recursos Humanos de 2004 a 2018

Nos inícios do século XXI a equipa era formada, ao todo, por quatro psiquiatras, um neurologista, um gastroenterologista e um médico de medicina interna. Dos restantes 146 colaboradores que integram o quadro da instituição havia 37 técnicos assim distribuídos: três psicólogos, 28 enfermeiros, um gestor de empresas, um técnico de serviço social, um técnico de recursos humanos, um educador social, um farmacêutico e um nutricionista. Nos diversos serviços, trabalham duas telefonistas, seis administrativos, cinco cozinheiros, dois técnicos de manutenção e três responsáveis de serviços gerais e um cabeleireiro, sendo os restantes empregados auxiliares. No total: 146 colaboradores. Dos quatro Irmãos um é capelão e psicólogo, e três enfermeiros.

⁵³ João de Jesus Adradas inaugurou a Casa de Saúde S. João de Deus no dia 10 de agosto de 1924, quando provincial da única província da Ordem Hospitaleira em Espanha, Portugal e México. Em 1936 foi morto em Espanha por ser Irmão de S. João de Deus vindo a ser beatificado em 1992 por João Paulo II.

⁵⁴ O volume II sairá em 2019.

Diretores da Casa de Saúde de 1959 a 2018

Deixamos a lista dos diretores da Casa de Saúde de 1959 a 2018, observando que até 2001 todos os diretores acumulavam a funções de diretores e de superiores da Comunidade, e até 2007 todos os diretores foram Irmãos. O atual é o primeiro diretor não Irmão da Ordem.

Manuel Joaquim Valente (1959-1965);
Adriano Barbosa Moreira Duarte (1965-1971);
Manuel Fernandes Pimenta (1971-1977);
Ângelo da Silveira de Sousa (09.06.1977 a 4.03.1978) (1977-1980);
Henrique Correia Alminhas (29 de abril de 1978-1980);
João Carvalho Pereira (1980-1983);
Henrique Correia Alminhas (1983-1989);
António Matos Matias (1989-1992);
Horácio Martins Monteiro (1992-1998);
Irmão Amadeu Videira (1998-2001);
Irmão P.^e Aires Gameiro (2001-2004);
Henrique Correia Alminhas (2004-2007);
João Eduardo Lemos, não Irmão (2007-2018).

Parcerias a Vários Níveis e Voluntários

De acordo com a política de qualidade a Casa de Saúde S. João de Deus criou e desenvolveu um conjunto de parcerias importantes e significativas. De entre os parceiros, formais e não formais, damos os que seguem: Associação Anti-Alcoólica da Madeira; Universidade da Madeira; Escola Superior de Enfermagem de S. José de Clunny; Ordem dos Enfermeiros. Mantém parcerias institucionais de tutela com os corpos de governação: Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional da Saúde e Assuntos Sociais, SESARAM – Serviço de Saúde da RAM; e ainda com a Direção Geral de Serviços Prisionais e Reinserção Social; Instituto de Segurança Social da Madeira; Instituto de Emprego da Madeira IP-RAM; Câmara Municipal do Funchal; e Polícia de Segurança Pública da Madeira.

A partir de 2012 estabeleceram-se as seguintes parcerias noutras áreas: QUALIFICAR; Associação Casa do Voluntário (parceria pragmática); Clínica Dentista da Penteada; Ordem dos Psicólogos; Ritmos e Segredos – Unipessoal, Lda.; Golden Residence Hotel.

Juntos no Cuidar: Intervenção Comunitária em Saúde Mental 2017

Desde há cerca de dois anos funciona uma parceria entre a Casa de Saúde e a Junta de Freguesia de Santo António com o nome “Juntos no Cuidar”. É um projeto

inovador com o objetivo de articular os serviços da Casa com a comunidade envolvente. Os pacientes são acompanhados antes de possíveis internamentos e após a alta para assim prevenir as recaídas e dispensar ou reduzir os internamentos e a sua duração. Em 2017 houve intervenções em 15 utentes, 45 visitas a domicílio, apoio a famílias com sobrecarga de cuidados informais e cerca de uma centena de consultas psiquiátricas, duas por cada visita domiciliar.

Este projeto ajuda também a responder às novas dificuldades de focos de pobreza e de pessoas sem-abrigo, que não raro são acolhidas a partir da rua. Em 2017 a Casa de Saúde acolheu cerca de 50 destas pessoas com sintomatologias de doença mental aguda, condições de dependência alcoólica para tratamento e reabilitação e posterior reinserção na comunidade.

Com a Associação de Familiares e Amigos dos Utentes da Casa de Saúde São João de Deus “EntreLaços”, constituída por um grupo de familiares, amigos e colaboradores da Casa vigora desde Fevereiro de 2007 a parceria nas intervenções para minorar situações de fragilidades e as desvantagens naqueles que enfrentam as “amarras” da doença mental. “EntreLaços” identifica-se com o ideário e os princípios que inspiram a ação da Ordem Hospitaleira dos Irmãos de São João de Deus. Tem como objetivo primordial ajudar os utentes da Casa de Saúde, melhorar a sua qualidade de vida colaborando com a instituição na missão de dignificar a vida de cada pessoa internada e em processo de pós-alta estabelecendo pontes com os familiares.

O voluntariado tem sido implementado em parceria com a Casa do Voluntariado através das “feiras de solidariedade”. Em 2018 a Casa de Saúde tinha cerca de duas dezenas de voluntários que dão apoio e acompanhamento não profissional em várias áreas de animação e de serviço pastoral.

Valências, Unidades Atuais e Número de Doentes

Na terminologia usada atualmente, a Casa de Saúde dispõe de 11 unidades: 1 unidade de psiquiatria de agudos de curto internamento; 1 unidade de alcoologia de curto internamento; 2 unidades de psicogeriatría; 1 unidade para pessoas com demências; 1 unidade intrainstitucional de psiquiatria de apoio máximo; 2 unidades intrainstitucionais de reabilitação psicossocial de apoio médio; 2 unidades intrainstitucionais de reabilitação psicossocial de apoio mínimo; e 1 unidade extrainstitucional de reabilitação psicossocial de apoio mínimo.

Movimento de doentes, 2010-2013: 732 entradas, saíram melhorados 650 (1 curado), 65 no mesmo estado, 12 falecidos. Ficaram 247. Os dias de internamento totalizaram 96.351 em 2013. Por comparação, em 1998 tinham ficado 231 e houve 98.966 dias de internamento e, em 1989, houve 272 e 100.101 dias de internamento.

Merece referência o relevo que tomaram os internamentos de doentes agudos com perturbações psicóticas por consumos de drogas sintéticas e estupefacientes: em 2013, 122, em 2014, 134, e em 2015, 159; todos na unidade de agudos.

Na unidade de alcoólicos nos últimos anos foram internados entre homens (% entre parênteses) e mulheres: em 2011, 258 (94%); 2012, 282 (86%); 2013, 246 (89%). A taxa de recaída um ano após a alta, em 213, foi de 49%. Todos os doentes, com alta, são encaminhados para as unidades concelhias.

Em 2013, no âmbito da prevenção da recaída dos que são tratados no CRA, em média 160 utentes já a viver na comunidade, participaram na reunião mensal na Casa de Saúde em parceria com a Associação Antialcoólica da Madeira e com a participação de alguns técnicos dos Centros de Saúde. Esta participação tem-se mantido nos últimos cinco anos.

Tabela n.º 2 – Casa de Saúde S. João de Deus – Funchal. Movimento em 2017

Entrados 785	Saídos 765, re-internados 22
Lotação Média Praticada	304
Doentes Tratados	1.446
Dias Internamento	108.915
Taxa de Mortalidade	0,69%
Taxa de Ocupação	98,16%

Fonte: Registo estatístico da Casa de Saúde S. João de Deus.

Requalificações Recentes de Edifícios e Certificação de Cuidados

As qualificações dos edifícios, unidades de reabilitação psicossocial e reabilitação de alcoólicos, e a supressão de barreiras até 2010 trouxeram melhorias significativas, mas não eliminaram todas as deficiências estruturais. Nos últimos anos, 2012-2018, continuaram as requalificações: edifício da unidade de agudos, S. José, e o Centro de Reabilitação de Alcoólicos, S. Ricardo Pampuri.

A primeira ficou com uma subunidade de crise e observação para os primeiros dias, com uma sala de educação para a saúde, um ginásio e um ateliê e amplos acessos e esplanadas de excelente enquadramento. O segundo tem agora os gabinetes de consulta e a sala de enfermagem no rés-do-chão; e todas as salas de estar, de TV, terapia de grupo ou sala Aquário e o Átrio de entrada com aspeto renovado e atraente, agradável e confortável. A remodelação permitiu aumentar as camas de 25 para 31. Realizou a inauguração o Presidente do Governo Regional Miguel Albuquerque no dia 12 de maio de 2016 em que afirmou que «as instituições sociais como a Casa de Saúde S. João de Deus conseguem dotar e ministrar aos nossos concidadãos um melhor

tratamento ao menor custo, e por isso o governo deve apoiar estas instituições para interesse público».

Ousando resumir poderia afirmar-se que para cerca de 140 pacientes as instalações da Casa são de nível bom e bastante bom; para 80, de nível razoável; e para os restantes, algumas deficientes, necessitam de intervenção e esperam por financiamento para avançar com os projetos de reconstrução e requalificação elaborados.

A Casa de Saúde não dispõe de hospital de dia, contudo, ocasionalmente assiste algum doente nesse regime. Além disso funciona com uma boa articulação com o hospital regional para doenças intercorrentes em situações de crise que exigem cuidados especializados doutras valências. Os casos mais frequentes são doenças pulmonares, cancerosas, cardíacas e circulatórias. Algumas exigem cuidados paliativos, ventilação assistida e amputações.

A Casa tem seguido procedimentos de qualidade supervisionados em várias áreas, que têm resultado em creditações por organizações de auditoria. Em resumo, deixamos o estado atual dessas iniciativas:

1. A implementação do Sistema de Gestão da Qualidade transversal à Casa de Saúde.
2. Certificação Assistencial *Equass Assurance* em Alcoologia, Reabilitação – Área Assistencial, Reabilitação – Área Ocupacional.
3. Certificação DGERT (Entidade Formadora Certificada).
4. Implementação HACCP – Segurança dos Serviços Alimentação.

Humanização, Ética e Pastoral da Saúde

A Casa de Saúde, obra apostólica da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, faz parte da Igreja Católica e tem tido sempre a presença de Irmãos em parcerias e colaboração com leigos. Nas últimas décadas a Ordem foi integrando mais colaboradores nas responsabilidades da gestão da Casa de Saúde. A Casa é gerida pelo Instituto S. João de Deus criado em 1977 pela Província da Ordem Hospitaleira com esta finalidade. A sua espaçosa capela prestou serviços religiosos em colaboração com a paróquia de Santo António; a partir de 1960 serviu por mais de dez anos como igreja pro-paroquial da paróquia de Nossa Senhora da Graça, facilitando ainda mais a envolvimento de colaboração, boa vizinhança e pastoral da Casa.

O facto de cerca de meia centena de jovens madeirenses terem entrado na Ordem concorreu também para aproximar a população e a Casa de Saúde. Com efeito, contam-se 52 rapazes madeirenses a iniciarem o discernimento vocacional para ser Irmãos na Quinta do Trapiche. Destes 39 chegaram ao noviciado, 32 à primeira profissão e 15 à solene. Destes candidatos 20 eram naturais do Funchal,

12 de Câmara de Lobos, 9 de Santana, 4 de S. Vicente e 7 dos restantes concelhos. Dos 15 que professaram solenemente o primeiro entrou na Ordem em 17 de maio de 1907, por ocasião dos primeiros contactos de Irmãos esmoleiros na Madeira. Foi António Maria Rodrigues do Nascimento (23.09.1881-8.10.1947), natural de Água de Pena (lugar da Torre), Machico. Sendo aluno dos Salesianos em Viana do Castelo, pediu para ser Irmão de S. João de Deus, possivelmente por ter tido contactos com Irmãos esmoleiros na sua terra. Este Irmão participou no arrendamento da Quinta do Trapiche, em 1922 e, mais tarde, foi Superior na Casa de Saúde de S. Miguel, Açores, e duas vezes na de Barcelos. A partir de 1925 entraram: Leonardo Ferreira, natural de Câmara de Lobos, em 22.08.1925, e falecido a 24.07.1965 no Telhal; David Freitas Capelo, de Santo António, em 08.12.1925, estudou para sacerdote em Angra do Heroísmo e celebrou a missa nova no Trapiche, foi missionário entre os leprosos em Moçambique vindo a falecer em 24.07.1965, no Telhal; António Gonçalves de Jesus, de Câmara de Lobos, em 08.10.1926, falecido a 09.04.1939, em Barcelos; António de Freitas Bárbara, do Faial, Santana, entrado em 16.05.1927, trabalhou em Angra do Heroísmo e foi durante muitos anos esmoleiro para que o Hospital de S. João de Deus de Montemor-o-Novo pudesse tratar crianças "aleijadas" pobres de todo o país, incluindo Madeira e Açores, vindo a falecer em 18.08.1995 naquela Casa; José Cipriano Correia, nascido a 26.09.1912, no Jamboto, Santo António, entrou em 1931, trabalhou em diversas casas, Telhal, Roma, Terra Santa, Brasil, tendo falecido em Barcelos em 2010. Depôs em agosto de 2008 no processo diocesano para a beatificação da Madre Virgínia Brites da Paixão, clarissa, que ele conheceu já com reputação de santidade e de dons místicos, cuja urna foi transportada pelos irmãos do Trapiche ao cemitério em 1929. Também de Santo António, José Gonçalves Lucas, entrou em 25.11.1935, trabalhou em S. Miguel, Açores, e no Hospital de S. João de Deus em Divinópolis (Brasil), onde faleceu de acidente, com fama de grandes virtudes, em 03.03.1985; Augusto Arnaldo Neves, entrado em 1935, foi superior em várias casas e faleceu em Montemor-o-Novo, em 16.06.1997. Na década de 40, entraram os madeirenses: Manuel Joaquim Matos, de Boaventura, em 11.02.1940, falecido no Trapiche em 25.08.1983; António Arlindo Fernandes Figueira, do Trapiche, entrado em 26.12.1940 e falecido em 19.11.1965 no Telhal; Vasco Tiago Nunes Quental, do Funchal, em 04.03.1941, trabalhou no Telhal e Trapiche onde faleceu em 16.01.1959 no Trapiche. Antes de entrar terá sido sócio da União Familiar, proprietária da Quinta do Trapiche, e foi sepultado na campa que tinha doado à Ordem; o Irmão Manuel Fernandes Pimenta, do Boliquiteime, 1928, entrou em 1943, teve ação notável na Casa de Saúde como superior/diretor de 1971 a 1977, tendo renovado e enriquecido com peças de arte a capela e outros locais, e construído numerosos presépios monumentais muito

visitados, vindo a falecer nesta Casa em 16.11.1985; João Manuel Barreto Júnior, em 10.02.1946, falecido de acidente em 04.07.1966 no Telhal, antes de professor.

Três Irmãos estão vivos: José Paulo Simões Pereira, da Encarnação, Estreito de Câmara de Lobos, que foi Provincial de 2001 a 2007 e é superior atual da Missão de Nampula em Moçambique; Paulo Irineu Cortes de Gouveia, da Serra de Água, é superior em Lisboa; e por fim o professante, Irmão José Inácio Pacheco da Silva, da paróquia de S. Jorge, entrou na Ordem em 2010, fez o noviciado em S. Paulo, Brasil, e primeira profissão em 02.02.2012, continuando a formação em Barcelos, trabalha atualmente em Montemor-o-Novo. Lembramos, por fim, que, além de 3 Irmãos madeirenses falecidos no Trapiche, aqui faleceram também Francisco André Peres, 13.01.1985; Manuel de Melo Braga (Açores), 27.02.1993; Alexandre Tavares Martins, 20.06.1994; Manuel Maria da Cruz, 13.11.1995; Manuel Pedro Conceição (Luís Gonzaga), 08.04.1996; António Augusto Pires Janela, 25.02.1999; Albino Jorge Lopes, 25.12.2004; Manuel Pereira, 10.06.2008.

Em 2017 três dos colaboradores/benfeitores desta Casa de Saúde foram reconhecidos e agraciados com o título de Irmãos Agregados da Ordem. No dia 8 de março de 2018, festa de S. João de Deus, o casal José Vitor Vieira e Maria da Conceição Vieira Fernandes e Jaime Abreu Vasconcelos receberam o Título de Irmãos Agregados espiritualmente à Ordem concedido pelo superior geral e entregue pelo Irmão Provincial. Este título é concedido a pessoas identificadas com a vida de fé cristã e de prática de hospitalidade da Ordem Hospitaleira.

Uma das particularidades desta Casa de Saúde é o facto de sempre ter sido apoiada com recursos para uma assistência integral incluindo a dimensão espiritual e cristã. Dispôs sempre de capelão da Ordem ou da paróquia e da presença de Irmãos. Os critérios holísticos respeitam a dignidade dos doentes e a sua liberdade religiosa. Os valores de transcendência e de fé cristã são respeitados ao lado das melhores técnicas de tratamento conhecidas. A partir de 1980 a assistência espiritual e religiosa começou a dispor de uma equipa de humanização e animação pastoral. Do ano 2000 em diante a equipa começou a chamar-se comissão e a integrar o capelão ou assistente espiritual e maior número de leigos coordenados por um técnico ou assistente espiritual. Desta comissão que está em ligação com os coordenadores de unidade e com os ateliês e a reabilitação fazem parte também alguns voluntários.

Desde o início e até finais de 2014, a casa somou a presença variável de cerca de 200 Irmãos e 30 mandatos de Irmãos superiores, os quais exerceram, até 2001, simultaneamente a função de superiores e diretores. Em 2015, contam-se quatro Irmãos: Horácio Martins Monteiro, superior, Aires Gameiro, sacerdote capelão, Amadeu Costa

Cabral e Jorge Dias Coelho, enfermeiros, sendo diretor/gestor o leigo colaborador João Eduardo Freitas Lemos.

Na linha da tradição da Ordem, a assistência prestada pautou-se sempre pelos valores e normas presentes nas constituições da Ordem, privilegiando os meios mais atualizados de tratamento para cada período. Desde o final do século XX as linhas programáticas foram atualizadas pela Carta de Identidade da Ordem de S. João de Deus, que declara que «um dos valores é o seu carácter integral [...]. Para S. João de Deus, o doente e o necessitado não eram apenas um corpo e uma alma, pecador ou pecadora, mentiroso ou indigno. Todos eram pessoas, seus irmãos e irmãs, todos dignos de serem ajudados e perdoados por ele e pelos seus colaboradores» (alínea 3.1.5, n.º 21)⁵⁵ porque o mesmo faz Deus por cada um.

Os cuidados integrais oferecidos atingem o patamar da qualidade técnica e humana e suas dimensões holísticas de espiritualidade e transcendência que respeitam a dignidade da pessoa humana. Este patamar de qualidade está reconhecido desde 2012 por vários títulos de acreditação como se referiu acima.

Fontes Manuscritas e Referências Bibliográficas

Manuscritos de Arquivos

Arquivo Histórico da Diocese do Funchal, Arquivo dos Bispos, Religiosos de S. João de Deus.

Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, Secretaria, Livro de Atas de Reuniões da Junta Geral do Distrito do Funchal, de 1920, Sessão Ordinária do Mês de Maio, 6.ª reunião, 28 maio 1920, fls. 17v.-29v., n.º à margem 1282-130.

Arquivo da Casa de Saúde S. João de Deus

Cartas, Estatutos da Associação dos Irmãos de S. João de Deus, Constituição da Sociedade União Familiar, Escrituras, certidões.

Livro dos Sócios da Associação dos Irmãos de S. João de Deus, fls. 1-13v.

Livro de Atas da União Familiar, 1924-1940.

Livro de Atas da Associação dos Irmãos de S. João de Deus, 1924-1940.

⁵⁵ ORDEM HOSPITALEIRA DE SÃO JOÃO DE DEUS, 2000, *Carta de identidade*, pp. 54-55.

Livro dos Visitantes da Casa de Saúde do Trapiche dos Irmãos de S. João de Deus [1934-1970].

I Livro das Atas dos Capítulos Conventuais (CC) da Comunidade, de 1 de junho de 1922 a 1 de setembro de 1948.

II Livro das Atas dos Capítulos Conventuais (CC), 1948-1986 (12.10.1948 a 30.01.1986).

I Livro de Atas das Reuniões Familiares de fevereiro de 1984 a 2001, 157 atas.

II Livro de Atas de Reuniões Familiares, 2.03.2001 a 16.06.2008, 59 Atas.

Atas das Visitas Canónicas dos Superiores Maiores, in I Livro das Atas dos Capítulos Conventuais (CC) da Comunidade: 3 e 10.08.1924; 5.07.1929; 1 e 5.06.1938.

I Livro de Atas das Visitas Canónicas dos Superiores Maiores, 1933-1942.

II Livro de Atas das Visitas Canónicas dos Superiores Maiores, 1942-1965.

I Inventário da Casa de S. João de Deus [1928], Trapiche, Propriedades da Casa, 30 de abril de 1928 assinado por o Superior Manuel Maria Gonçalves e Irmão Benjamim Antunes em 28/5/1928, 10 pp.

II Inventário da Casa de S. João de Deus [1931], Trapiche, Propriedades da Casa, 30 de março de 1931 assinado por o Superior Irmão Benjamim Antunes e Irmão Miguel Gonçalves em 20/4/1931, 6 pp.

III Inventário da Casa de S. João de Deus [1937], Trapiche, Propriedades da Casa, 30 de junho de 1937 assinado por o Superior Irmão Cassiano Ma. Natal e Vice-Superior Irmão Miguel Gonçalves, 7 pp.

IV Inventário da Casa de S. João de Deus [1940], Trapiche, Propriedades da Casa, 30 de maio de 1940 assinado por o Superior Irmão Crisógono Gonçalves Nogueira e Irmão José Joaquim Fernandes, 6 pp.

V Inventário da Casa de S. João de Deus [1946], Trapiche, Propriedades da Casa, 1940-1946, 31 de maio de 1946 assinado por o Superior Irmão José Joaquim Fernandes e Vice Prior Salvador Marques.

Livro de inscrição dos membros da Associação dos Irmãos de S. João de Deus com termo de Abertura em 5 de junho de 1924 pelo Presidente Manuel Maria Gonçalves (primeiro membro). O último membro foi admitido em 25 de junho de 1940, p. 36.

I Livro de Entradas de Doentes de 10.10.1923 a 29.04.1933, n.º 1 a 367 doentes (com numeração emendada ao longo do livro até ao n.º 467).

II Livro de Entradas de Doentes de 2 de junho de 1933 a 10 de agosto de 1939, do n.º 368 a 897.

Livro de cópias de cartas expedidas, 1924-1937.

1.ª Pasta de Cartas recebidas e cópias de enviadas – 1937-1924.

2.ª Pasta de Facturas de Doentes a cargo da Junta Geral, agosto de 1937 até agosto inclusive de 1938.

- 3.^a Pasta de Facturas dos Doentes a cargo da Junta Geral de 1 de setembro de 1939 até 31 de dezembro de 1941.
- 4.^a Pasta de Correspondência recebida, 1932-1942.
- 5.^a Pasta de Correspondência Expedida, 1937-1943 [tem cartas anteriores a essa data].
- 6.^a Pasta/maço, com os Inventários I-VI especificados acima.
- 7.^a Pasta «Associação dos Irmãos de S. João de Deus, 1924-1960» Correspondência Avulsa, Cartas e Documentos.
- 8.^a e 11.^a Pastas «União Familiar», proprietária da Casa com documentação diversa.
- 10.^a Pasta «Voz do Doente», n.ºs 1-16.
- 12.^a Pasta «Cartas, Estatutos da Associação dos Irmãos de S. João de Deus, Constituição da Sociedade União Familiar, Escrituras, Certidões».

Livros

- DORGUETE, José Nunes, 1997, *Estado Actual da Província Portuguesa de S. João de Deus, 1997, s.l., Cúria Provincial.*
- FILIFE, Nuno, OH, 1985, *Casa de Saúde S. João de Deus, Funchal (Resumo histórico), Funchal.*
- FILIFE, Nuno, OH, 1999, *Memória Histórica Casa de Saúde de S. João de Deus, 75 anos da sua Fundação, 1924-1999, Funchal, Grafimadeira.*
- GAMA, Manuel, 2016, *A Reabilitação Alcoólica na Madeira. Um homem – uma causa, Funchal, Esfera do Caos.*
- GAMEIRO, Aires, 2000, *Alcoolismo nos Açores e na Madeira. Padrões de Consumo em 1999 e 2000. Linhas de Prevenção, Lisboa, Ed. Hospitalidade.*
- GAMEIRO, Aires, 2016, «Casa de Saúde S. João de Deus», «Casa de Saúde S. Rafael» e «Casa de Saúde S. Miguel», in CINTRA, Pedro e PESSOA GIL, Nuno (coords.), *História dos Serviços de Saúde Mental*, vol. II – Sul e Ilhas, Edições Parsifal, Lisboa, pp. 423-480, 487-530 e 531-588.
- GAMEIRO, Aires, OH, BORGES, Augusto Moutinho, CARDOSO, Ana Mateus e OLIVEIRA, Fernando de, 2009, *Dr. Luís Cebola: um maçom na Casa de Saúde do Telhal, Coimbra, CEIS20, Cadernos de Investigação, Ed. da Universidade de Coimbra.*
- GAMEIRO, Aires e GONÇALVES, Manuel Maria, OH, 2014, *História da Casa de Saúde S. João de Deus na Madeira*, vol. I, *Os Irmãos Hospitaleiros e os alienados. Dos antecedentes a 1960*, Lisboa, Esfera do Caos.
- JARDIM, Maria Dina dos Ramos, 1996, *A Santa Casa da Misericórdia do Funchal, Séc. XVIII, Subsídios para a sua História, Funchal, CEHA/SRTC, 1996.*
- ORDEM HOSPITALEIRA DE SÃO JOÃO DE DEUS, 2000, *Carta de identidade*, Editorial Hospitalidade.

- PEREIRA, Eduardo C. N., 1989, *Ilhas de Zargo*, vol. I, 4.ª edição, Câmara Municipal do Funchal.
- SILVA, Fernando Augusto da e MENEZES, Carlos Azevedo de, 1921-1922, *Elucidário Madeirense*, vols. I e II, Funchal, Typ. Esperança.
- SILVA, Fernando Augusto da, 1929, *Paróquia de Santo António, Alguns Subsídios para a sua História*, Funchal, ed. do autor.

Artigos

- Boletim de Informação Familiar e Hospitalar (BIFH)*, 1951-1998, Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira, crónicas.
- COSTA, Cândido da, 1975, «Sobre debates e congressos de psiquiatria», in *Hospitalidade – Revista de Saúde Mental e Relações Humanas*, ano 39, n.º 150, pp. 29-30.
- GAMEIRO, Aires, 2004, «Unidades de Alcoologia do ISJD», in *Hospitalidade*, n.º 263, pp. 16-25.
- GAMEIRO, Aires, 2018, «S. João de Deus: 94 anos de Saúde Mental no Alto de Santo António», in *Posto Emissor do Funchal, Almanaque PEF-2018*, Edição Posto Emissor do Funchal, pp. 60-62.
- GAMEIRO, Aires, OH, *et al.*, 2010, «Hospitaleiros», in FRANCO, José Eduardo (dir.), *Dicionário Histórico das Ordens, Institutos Religiosos e outras Formas de Vida Consagrada Católica em Portugal*, Lisboa, Gradiva, pp. 173-187.
- GONÇALVES, Manuel Maria Gonçalves, 1962-1963, «A Casa de Saúde do Trapiche (Ilha da Madeira): Subsídios para a sua História», in *Hospitalidade*, n.º 107, pp. 26-30, n.º 108, pp. 74-78, n.º 109, pp. 59-62, n.º 110, pp. 155-159.
- Hospitalidade*, 1936-2018, crónicas e artigos sobre a Casa de Saúde São João de Deus.
- MOTA, Nuno, 2016, «Loucura e periferia: O Manicómio Câmara Pestana (1906-1925)», in *Junta Geral do Distrito do Funchal (1836-1976)*, vol. I, *Administração e História*, Funchal, Arquivo Regional da Madeira, pp. 219-263.
- Portugal, Madeira e Açores. Folha Noticiosa*, 12 de setembro de 1898, n.º 666, Lisboa.
- SILVA, Armindo Saturnino da, *et al.*, 1983, «O alcoolismo na Região Autónoma da Madeira. Uma proposta de combate à doença», in *Hospitalidade*, 47, n.º 182, pp. 13-32.
- SILVA, Saturnino da, 1982, «Proposta para uma melhor Integração de Doentes Mentais, considerados Casos Sociais na Região Autónoma da Madeira», in *Revista de Saúde Mental, Hospitalidade, II Jornadas de Psiquiatria, S. João de Deus, Relações Humanas e Problemas de Marginalização*, n.º 180-181, pp. 334-344.
- SILVA, Saturnino da, 1987, «Alguns aspectos evolutivos do alcoolismo na R.A.M.», in GAMEIRO, Aires, SILVA, Saturnino da, e outros, *Liberdade de beber e de não beber*, Telhal, ed. Hospitalidade, pp. 58-75.

- SILVA, Saturnino da, 1991, «A Experiência da Casa de Saúde de S. João de Deus, no Trapiche, com Doentes de Evolução Prolongada e uma Proposta para a sua Desinstitucionalização», in *IV Congresso de Psiquiatria S. João de Deus. Progresso Científico e Humanização em Psiquiatria*, Comunicações, Editorial Hospitalidade, pp. 181-189.
- SILVA, Saturnino da, ALVES, Emanuel Raul, ABREU, Ana Maria, GAITA, Feliciano José, 1996, «Análise da Eficácia Terapêutica do Centro de Recuperação de Alcoólicos S. Ricardo Pampuri, no Funchal, e Estudo dos Parâmetros passíveis de Influenciar e serem influenciados pela Abstinência», in *Atas do VI Congresso Internacional de Psiquiatria S. João de Deus*, Editorial Hospitalidade, pp. 273-287.
- SILVA, Saturnino da, FERNANDES, Luís Filipe, *et al.*, 1996, «Contributo para o estudo psicossocial do doente alcoólico da RAM», in *VI Congresso Internacional de Psiquiatria S. João de Deus*, Comemorativo do V centenário do nascimento de S. João de Deus – 1495-1995, Editorial Hospitalidade, pp. 287-299.

Fontes Digitais

- GAMEIRO, Aires, 2016, «Trapiche (Casa de Saúde São João de Deus)», in *Aprender Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/trapiche-casa-de-saude-sao-joao-de-deus/>, consultado em 19.11.2018.
- GAMEIRO, Aires, 2016, «Casa de Saúde Câmara Pestana», in *Aprender Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/casa-de-saude-camara-pestana/>, consultado em 19.11.2018.
- GAMEIRO, Aires, LEMOS, João Eduardo Freitas, 2017, «Alcoolismo, Prevenção e seu Tratamento na Madeira», in *Aprender Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/alcoolismo-prevencao-e-seu-tratamento-na-madeira/>, consultado em 19.11.2018.
- JAFFE, Jerome H., MEYER, Roger E., 2001, «Disease Concept of Alcoholism and Drug Abuse», in *Encyclopedia of Drugs, Alcohol, and Addictive Behavior*, disponível em <http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3403100158.html>, consultado em 08.03.2015.
- LADEIRA, Paulo, 2016, «Bernes, Família», in *Aprender Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/bernes-familia/>, consultado em 27.09.2017.
- SOARES, Maria Isabel, 2008, «A Reforma dos Serviços de Assistência Psiquiátrica», in *Pensar Enfermagem*, vol. 12, n.º 2, disponível em http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2008_12_2_35-51.pdf, consultado em 31.08.2015.

Anexo

Imagem n.º 1 – S. João de Deus, Tríptico de Henrique Afonso Costa



Fonte: Arquivo da Casa de Saúde S. João de Deus, Fotografia de Octávio Camacho.

Imagem n.º 2 – Irmão Manuel Fernandes Pimenta condecorado pelo Presidente da República com a Medalha de Benemerência (10.06.1981)



Fonte: Arquivo da Casa de Saúde S. João de Deus, Fotografia de autor desconhecido.

Imagem n.º 3 – Comunidade (1980-1983) com o Superior Geral Pierluigi Marchesi



Fonte: Arquivo da Casa de Saúde S. João de Deus, Fotografia de autor desconhecido.

Imagem n.º 4 – Placa de Inauguração descerrada pelo Presidente do Governo Regional no dia 20.11.2003



Fonte: Arquivo da Casa de Saúde S. João de Deus, Fotografia de Octávio Camacho.

Imagem n.º 5 – Inauguração (2014)



Fonte: Arquivo da Casa de Saúde S. João de Deus, Fotografia de Octávio Camacho.

Imagem n.º 6 – Vista Geral da Casa de Saúde S. João de Deus e requalificação de S. José



Fonte: Arquivo da Casa de Saúde S. João de Deus, Fotografia de autor desconhecido.